

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENVELHECIMENTO HUMANO

Envelhecimento Humano:
estudo sobre a inserção desta temática dentro dos cursos de Psicologia

Patrícia Di Francesco Longo

Passo Fundo

2013

Patrícia Di Francesco Longo

Envelhecimento Humano:
estudo sobre a inserção desta temática dentro dos cursos de Psicologia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Envelhecimento Humano.

Orientador:
Eliane Lucia Colussi

Passo Fundo

2013

CIP – Catalogação na Publicação

L856e Longo, Patrícia Di Francesco
Envelhecimento humano : estudo sobre a inserção desta temática
dentro dos cursos de Psicologia / Patrícia Di Francesco Longo – 2012.
78 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Dra. Eliane Lucia Colussi.

Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade
de Passo Fundo, 2012.

1. Envelhecimento humano. 2. Psicologia. 3. Idosos - psicologia. I.
Colussi, Eliane Lucia, orientadora. II. Título.

CDU: 613.98

Catalogação: Bibliotecária Fernanda Spíndola - CRB 10/2122

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado DA ALUNA

PATRÍCIA DI FRANCESCO LONGO

Aos vinte e três dias do mês de novembro do ano dois mil e doze às nove horas, realizou-se, na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, a sessão pública de defesa da Dissertação: **“Envelhecimento Humano: estudo sobre a inserção desta temática dentro dos cursos de psicologia”**, apresentada pela mestranda Patrícia Di Francesco Longo, que concluiu os créditos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Envelhecimento Humano. Segundo os encaminhamentos do Conselho de Pós-Graduação (CPG) do Mestrado em Envelhecimento Humano e dos registros existentes nos arquivos da Secretaria do Programa, a aluna preencheu todos os requisitos necessários para a defesa. A banca foi composta pelos professores doutores Eliane Lucia Colussi - orientadora e presidente da banca examinadora (UPF), Eliana Piccoli Zordan, Ana Carolina Bertoletti De Marchi e Flavia Eloisa Caimi. Após a apresentação e a arguição da dissertação, a banca examinadora considerou a candidata **APROVADA**, em conformidade com o disposto na Resolução Consun Nº 07/2010.

A banca recomenda a consideração dos pareceres, a realização dos ajustes sugeridos e a divulgação do trabalho em eventos científicos e em publicações.

Encerrados os trabalhos de defesa e proclamados os resultados, eu, Prof^a. Dr^a. Eliane Lucia Colussi, presidente, dou por encerrada a sessão pela banca.

Passo Fundo, 23 de novembro de 2012.

Prof^a. Dr^a. Eliane Lucia Colussi
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Bertoletti De Marchi
Universidade de Passo Fundo – UPF

Prof^a. Dr^a. Eliana Piccoli Zordan
Universidade Regional Integrada Alto Uruguai - URI

Prof^a. Dr^a. Flavia Eloisa Caimi
Universidade de Passo Fundo – UPF – (IFCH)

DEDICATÓRIA

A minha família, pelo incentivo, apoio e carinho em todos os momentos. Sem eles nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação foi resultado de um trabalho que começou antes mesmo de eu ter iniciado o mestrado, acredito que tenha sido gestada durante o processo seletivo e só tomou a forma que hoje possui devido ao amadurecimento de ideias e apoio incondicional e incentivo de várias pessoas, às quais eu gostaria de agradecer. Porém, primeiramente sinto a necessidade de agradecer a Deus por ter iluminado meu caminho durante essa trajetória.

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a minha orientadora, Dra. Eliane Lucia Colussi, que sempre esteve disposta a compartilhar seus saberes com paciência, carinho e afincio durante todo o processo de construção desta dissertação. Bem como agradecer a todos os colegas e professores do programa de pós-graduação em Envelhecimento Humano pelo convívio e aprendizado. Também gostaria de agradecer à Universidade de Passo Fundo pela bolsa de estudos a mim concedida.

Não poderia deixar de dizer o meu muito obrigado a meus amigos, que mesmo distantes encontraram maneiras de me incentivar durante esta etapa. Contudo, agradeço especialmente a minha família, pois eles foram imprescindíveis durante toda minha vida e especialmente durante esta caminhada acadêmica. Afinal, esta titulação seria impossível sem o apoio, palavras de incentivo e confiança por eles depositada em mim. Sinto que as palavras não irão demonstrar o quão importantes vocês foram para o início, meio e fim desta dissertação.

EPIGRAFE

“A menos que modifiquemos nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo.”

(Albert Einstein)

RESUMO

Longo, Patrícia Di Francesco. Envelhecimento humano: estudo sobre a inserção desta temática dentro dos cursos de Psicologia. 2012. 78 f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2012.

O objeto da presente dissertação foi analisar os espaços ocupados pelos conteúdos relacionados ao envelhecimento humano e a velhice em três instituições de ensino superior (IES) localizadas na região norte do Rio Grande do Sul, mais especificamente nos cursos de Psicologia oferecidos. Os estudos sobre envelhecimento humano e velhice se tornam cada vez mais relevantes, uma vez que os indicadores populacionais em termos mundiais e nacionais apontam para um crescimento irreversível da população idosa em detrimento da referente a crianças e jovens. No Brasil observa-se redução significativa da participação na população com idade até 25 anos e aumento no número de idosos. Contudo, acredita-se que os cursos de Psicologia não investem na área do envelhecimento humano, bem como não incentivam os futuros Psicólogos a compreender melhor a velhice. Sendo assim, surgiu a necessidade de compreender como e com que frequência os conteúdos relacionados a esta temática são abordados nesses cursos. Em busca de respostas foi realizada uma pesquisa qualitativa, por possibilitar ao pesquisador trabalhar com um imenso universo de significados, motivos, crenças e valores, permitindo assim, que se encontre resposta a questões muito particulares. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, que teve como foco principal compreender os espaços ocupados pela temática dentro dos cursos pesquisados, realizadas primeiramente com os coordenadores dos cursos e posteriormente com professores indicados pela coordenação. Sendo assim, a amostra foi escolhida por conveniência, levando em consideração a relevância dessas instituições de ensino no âmbito regional. A análise de dados abarcou as seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos dados obtidos e interpretação do conteúdo. Por meio das entrevistas percebeu-se que o envelhecimento e a velhice são assuntos pouco abordados nos cursos de Psicologia e, quando o são, a perspectiva predominante relaciona a temática diretamente ao adoecimento, à institucionalização da pessoa idosa e à disciplina de desenvolvimento humano.

Palavras-chave: 1. Psicologia. 2. Velhice. 3. Envelhecimento Humano. 4. Educação de Graduação em Psicologia.

ABSTRACT

Longo, Patrícia Di Francesco. Human aging: a study on the theme in Psychology courses. 2012. 78 f. Dissertation (Master degree in Human Aging) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2012.

The object of this dissertation was to analyze the spaces occupied by content related to human aging and old age in three higher education institutions located in the northern region of Rio Grande do Sul, specifically in Psychology courses. Studies on human aging and old age become increasingly relevant since population indicators worldwide and national projects an irreversible growth of the elderly population in detriment of relating children and youth. In Brazil, there is a significant reduction in participation in the population aged up to 25 years and the increasing number of elderly. However, it is believed that Psychology courses do not invest in the area of human aging and does not encourage future psychologists to better understand aging. Thus, the need to understand how and how often the content relating to this subject are covered in these courses. In search of answers a qualitative research was conducted, since it enables researchers to work with a vast universe of meanings, reasons, beliefs and values, thus allowing one find answers to very specific questions. Data collection was conducted through semi-structured interviews, focused on understanding the space occupied by the theme in the courses surveyed, performed first with courses coordinators and later with teachers indicated by the coordination. Thus, the sample was chosen for convenience, considering the relevance of these educational institutions at regional level. The data analysis covered the following phases: pre-analysis, material exploration, processing of data and interpretation of content. The findings showed that aging and old age are subjects scanty covered in Psychology courses and, when they are, the predominant prospect relates the theme directly to illness, to the institutionalization of the elderly and the discipline of human development.

Keywords: 1. Psychology. 2. Elderly. 3. Aging. 4. Undergraduate Education in Psychology.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CFP	Conselho Federal de Psicologia
CRP-07	Conselho Regional de Psicologia do estado do Rio Grande do Sul
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituições de Ensino Superior
ILPI	Instituição de Longa Permanência para Idosos
ISOP	Instituto de Seleção e Orientação Profissional
PPGEH	Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano
PUCRJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SOC	Seleção, Otimização e Compensação
UPF	Universidade de Passo Fundo
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
2	REVISÃO DA LITERATURA	15
2.1	<i>Envelhecimento humano e velhice</i>	15
2.2	<i>Psicologia no Brasil</i>	18
2.3	<i>Formação e atuação do Psicólogo no Brasil</i>	22
2.4	<i>Desenvolvimento humano à luz da Psicologia</i>	26
2.4.1	Desenvolvimento humano: Teoria de Erikson	27
2.4.2	Desenvolvimento humano: Teoria <i>Lifespan</i>	29
2.5	<i>As ênfases da Psicologia e o envelhecimento humano</i>	30
2.5.1	Psicologia clínica	31
2.5.2	Psicologia Social	33
2.5.3	Psicologia Escolar	34
2.5.4	Psicologia Organizacional e do Trabalho	36
3	PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS	38
3.1	<i>Delineamento da pesquisa</i>	38
3.2	<i>Seleção dos participantes da pesquisa</i>	39
3.3	<i>Instrumentos</i>	39
3.4	<i>Coleta de dados</i>	40
3.5	<i>Análise e interpretação dos dados</i>	42
3.6	<i>Aspectos éticos</i>	43
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	44
4.1	<i>Histórico das Instituições de Ensino Superior estudadas</i>	44
4.2	<i>Origem dos cursos pesquisados</i>	45
4.3	<i>Ênfases dos cursos pesquisados</i>	45
4.4	<i>A velhice, o envelhecimento humano e os cursos pesquisados</i>	46
4.5	<i>Assuntos abordados sobre a temática da velhice e do envelhecimento humano com os alunos dos cursos pesquisados.</i>	48
4.6	<i>Percepção do corpo docente acerca da temática do envelhecimento humano e da velhice dentro dos cursos pesquisados</i>	51
4.7	<i>Espaço de prática profissional voltado para o envelhecimento humano e a velhice</i>	53
4.8	<i>Interesse dos alunos pela temática</i>	56
4.9	<i>Percepção do corpo docente acerca do envelhecimento e da velhice</i>	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60

REFERÊNCIAS	63
ANEXOS	68
<i>Anexo A. Parecer do Comitê de Ética</i>	<i>69</i>
APÊNDICES	71
<i>Apêndice A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</i>	<i>72</i>
<i>Apêndice B. Entrevista semiestruturada: Coordenadores</i>	<i>75</i>
<i>Apêndice C. Entrevista semiestruturada: Professores</i>	<i>77</i>

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O mestrado de Envelhecimento Humano da Universidade de Passo Fundo faz repensar o envelhecimento e a velhice. Ao participar do programa, percebe-se o quanto o tema é importante para a comunidade e para a sociedade brasileira de maneira mais ampla. Por meio de leituras e discussões realizadas em sala de aula, a pesquisadora passou a questionar mais sobre a velhice e o envelhecimento humano no Brasil. Conforme as discussões iam tomando forma, o envolvimento da Psicologia com a temática acabava sendo bastante questionado pela mesma.

Esta dissertação teve origem nesses questionamentos, mais precisamente sobre a forma com que os cursos de Psicologia estavam lidando com as questões relacionadas ao envelhecimento humano e a velhice. Ao longo do estudo, pretende-se levar ao leitor indagações e possíveis considerações sobre a temática, que se torna relevante devido à inversão da pirâmide etária no Brasil.

A partir da metade do século XX, o Brasil passou a perceber a inversão da pirâmide etária, o que ocorreu devido a vários fatores, entre eles: diminuição da taxa de mortalidade e fecundidade, bem como aumento de expectativa de vida no país. Essa nova realidade, de um país com uma significativa população envelhecida, trouxe novos desafios a várias áreas de estudos. Afinal, foi e ainda é necessário preparar as pessoas para lidar com essa nova realidade social (CARVALHO; RODRÍGUEZ-WONG, 2008).

Nasri (2008) afirma que a expectativa média de vida da população brasileira aumentou em quase 25 anos nos últimos cinquenta anos, porém, o aumento da expectativa de vida veio desacompanhado de uma rede de apoio à população. A transição demográfica acarretou uma transição epidemiológica, ou seja, faz-se necessário aprender a lidar com as doenças e as necessidades dessa população que já é bastante significativa no Brasil. Neste contexto, começa-se a questionar de que forma e com que frequência os cursos de Psicologia estão lidando com as necessidades desta população.

Pensando nesse panorama, Lebrão (2007) pontua que é necessário que os profissionais de todas as áreas comecem a agir e pensar em formas de oferecer subsídios para que a população envelhecida se torne mais saudável, ativa e independente por mais tempo. Observando essa perspectiva irreversível do envelhecimento da população brasileira e o aparente baixo investimento dos profissionais para com essa população, a pesquisadora deu início a esta pesquisa, que teve como finalidade dissertar especificamente sobre esta temática dentro dos cursos de Psicologia.

A opção de estudar os cursos de Psicologia deu-se pelo fato de a pesquisadora ser Psicóloga. A importância desta pesquisa foi corroborada por Neri (2004), que afirma que os cursos de Psicologia não investem como deveriam na área do envelhecimento humano, bem como não incentivam os futuros Psicólogos a compreender melhor a velhice e o próprio processo do envelhecimento. Refletindo sobre essa afirmação e buscando conteúdos que relacionem a Psicologia com a velhice e o envelhecimento humano, percebeu-se a pouca quantidade de material existente sobre o tema.

Sendo assim, a afirmação feita por Neri em 2004 pareceu ainda ser fidedigna à realidade atual dos cursos de Psicologia, demonstrando dessa maneira a necessidade de verificar como e com que frequência a temática da velhice e do envelhecimento humano é estudada nesses cursos.

Frente a esse novo quadro populacional e social, pretendeu-se por meio da pesquisa identificar de que maneira o envelhecimento humano é estudado dentro dos cursos de Psicologia e dessa forma identificar as possíveis lacunas de aprendizado existentes dentro dessa temática na formação desses profissionais. Para tanto, este estudo encontra-se dividido em cinco capítulos: Capítulo I, que abará o referencial teórico sobre o tema estudado; Capítulo II, os princípios metodológicos; em seguida serão abordados no Capítulo III os resultados e as discussões referentes à temática da velhice e do envelhecimento humano nos cursos de Psicologia; e, ao término, nas considerações finais serão elucidadas as conclusões obtidas pela presente pesquisa.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo serão abordados os fundamentos teóricos que embasam o estudo, priorizando-se questões em torno do envelhecimento humano e o espaço que tal temática ocupa na área de Psicologia. Assim, pretende-se subsidiar o desenvolvimento da pesquisa em especial no Brasil e a aproximação do campo da Psicologia com os conteúdos relacionados ao envelhecimento humano e à velhice propriamente dita.

2.1 *Envelhecimento humano e velhice*

O envelhecimento populacional tornou-se irreversível devido à diminuição das taxas de mortalidade e de fecundidade. A partir do início da década de 1970, o Brasil enfrentou um rápido processo de desestabilização da estrutura etária da população, quando o número de crianças com menos de 5 anos representava 15% da população total do país, e já no final da década de 1990 representava 11% da população nacional. Em contrapartida, a população de 65 anos ou mais, que na década de 1970 representava 3,1% da população nacional, no início dos anos 2000 passou representar 5,5% da população brasileira (CARVALHO; RODRÍGUEZ-WONG, 2008).

Esse fenômeno também ocorre em termos mundiais, sendo corroborado pelos indicadores populacionais que apontam crescimento irreversível da população idosa em detrimento da referente a crianças e jovens. No Brasil, observa-se nas últimas décadas redução significativa na participação da população com idade até 25 anos e aumento no número de idosos. Tal diferença é mais evidente se comparada à população de até 4 anos de idade e acima dos 65 anos. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geo

grafia e Estatística (IBGE, 2010), o país tinha em 2010 13,8 milhões de crianças de até 4 anos e 14 milhões de pessoas com mais de 65 anos.

Fontaine (2010) prevê que no ano de 2040 existe a perspectiva de a Terra estar sendo habitada por 10 bilhões de seres humanos, dados estimados em função da queda da mortalidade infantil e quase extinção de doenças infecciosas. Outro fato que leva a esse elevado número de habitantes na terra é o aumento da longevidade, atualmente, as pessoas vivem em média 74 anos nos países industriais e cinquenta anos nos países em desenvolvimento. Contudo, nestes, existe grande disparidade em termos de longevidade (FONTAINE, 2010). No Brasil, a perspectiva é de que em 2050 o país seja uma sociedade mais envelhecida do que a sociedade europeia atual (WONG; CARVALHO, 2006).

Na sociedade brasileira, o envelhecimento rápido gerado pelo declínio da mortalidade infantil, declínio da morte de adultos por doenças infecciosas e queda na taxa de natalidade pode vir a se refletir em ônus econômico (NERI, 2004). Contudo, é necessária a implantação de políticas públicas que gerem investimento em crianças e jovens (futura força de trabalho que lidará com as crescentes razões de dependência dos idosos), bem como em reformas institucionais na área da saúde. Sendo assim, as oportunidades geradas por esse novo perfil demográfico deverão ser mais bem aproveitadas (CARVALHO; RODRÍGUEZ-WONG, 2008).

O envelhecimento populacional é o principal fenômeno demográfico do século XX; e no Brasil, especificamente, ocorreu durante um processo de urbanização sem alteração de renda. Sendo assim, caso o país não melhore significativamente as condições de vida e saúde da população, poderá enfrentar sérios problemas sociais e econômicos nas próximas décadas. Uma vez que atualmente as famílias estão menos disponíveis para cuidar dos idosos, afinal, a rápida urbanização da população ocasionou elevação do custo de vida e conseqüentemente maior jornada de trabalho, na qual a mulher foi incorporada como força produtiva (NASRI, 2008).

Sendo assim, essa temática e o bem-estar coletivo das gerações futuras deveriam ser de interesse de todos os membros da população (CARVALHO; RODRÍGUEZ-WONG, 2008). Afinal, o envelhecimento humano é um processo considerado multidimensional e multidirecional, ou seja, é um processo complexo que necessita de estudos interdisciplinares para ser compreendido dentro de toda sua complexidade (NERI, 2004). A “socialização do envelhecimento” deve levar em conta outros fatores para a construção da velhice como problema social, sendo um deles a institucionalização generalizada das aposentadorias e as consequências econômicas que se seguiram. Desse modo, a velhice deve ser tratada como questão coletiva (DEBERT, 2004).

Torna-se importante ressaltar que a sociedade no decorrer dos séculos estipulou fases do desenvolvimento humano (infância, adolescência, vida adulta e velhice), as quais são determinadas por normas que originam o desenvolvimento individual, as exigências e as condições oferecidas pela sociedade a cada grupo etário. Entretanto, as disciplinas acadêmicas acreditam que a idade cronológica sirva apenas como ponto de referência, um elemento organizador, e não como determinante do envelhecimento (NERI, 2001). De acordo com Fontaine (2010), é necessário pensar também na idade biológica (relacionada ao envelhecimento orgânico), na idade social (relacionada ao papel, ao *status* das pessoas em relação aos outros membros da sociedade, sendo assim fortemente determinada pela cultura de uma determinada comunidade) e a idade psicológica (relacionada principalmente a memória e inteligência).

Desse modo, subentende-se que o desenvolvimento humano na velhice depende das condições histórico-culturais, ou seja, ocorrem dentro dos limites da plasticidade comportamental individual (capacidade de mudar para adaptar-se ao meio) e envolve um constante equilíbrio entre ganhos e perda (NERI, 2001). Logo, todos os níveis da sociedade estão relacionados ao fenômeno do envelhecimento, seja no plano econômico (aumento do número de aposentados) e cultural (aumento do tempo de lazer), seja no plano médico, biológico e psicológico (necessidade de maior compreensão do

envelhecimento e seus mecanismos), seja no plano geral (criar condições de possibilidade para às pessoas não somente atingirem uma maior longevidade, mas uma velhice mais satisfatória) (FONTAINE, 2010).

O estudo do envelhecimento humano pela Psicologia é relativamente recente, pois só ocorreu paralelamente ao envelhecimento populacional, ou seja, a partir do século XX, juntamente com o envelhecimento dos cientistas que haviam desenvolvido as principais teorias sobre a infância e a adolescência (NERI, 2006). Segundo Debert (2004), não é somente a Psicologia que começa a estudar a velhice a partir do século XX e, sim, as ciências de forma geral. Isso se deve ao fato de a população de velhos ser cada vez mais representativa dentro da sociedade moderna.

Sendo o objetivo do presente estudo analisar como e com que frequência a temática do envelhecimento e da velhice são abordados nos cursos de Psicologia, mais especificamente pelos cursos de Psicologia no Brasil, segue abaixo um histórico da Psicologia no Brasil.

2.2 *Psicologia no Brasil*

Os primórdios da Psicologia no Brasil se encontram no Brasil Imperial, mais precisamente no ano de 1833, com a criação da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro e na Bahia. Essa época é conhecida como um período pré-profissional, no qual existiam interesses nos temas e nas questões relacionadas à Psicologia, mesmo esta matéria não sendo uma prática definida e regulamentada (PEREIRA; NETO, 2003). A prática da Psicologia no Brasil Império era utilizada como forma de controle social dos indivíduos e da população. O controle ocorria não somente por meio da elite, frequentadora dos bancos escolares, mas também das instituições culturais, que visavam atingir outras classes da sociedade da época (MASSIMI, 1990).

Após o Brasil Império, na primeira República (1889-1930) o país passou por mudanças, entre elas a Reforma Benjamim Constant, que ocorreu em 1890 e teve como princípios orientadores a liberdade e a laicidade. A reforma se mostrou particularmente interessante para a Psicologia por incorporar esta disciplina nos currículos das escolas normais, dando início à institucionalização da Psicologia no Brasil (SOARES, 2010). Nos anos seguintes, a Psicologia realizou avanços motivados pela criação do primeiro laboratório de Psicologia Experimental, no ano de 1906, e pela criação de outro laboratório de Psicologia Experimental no ano de 1923: ambos permitiram o desenvolvimento da ciência e da prática da Psicologia no Brasil (PEREIRA; NETO, 2003).

Na década seguinte, nos anos 1930, ocorreu a efetiva inserção da Psicologia no ensino superior, o que faz esse momento ser chamado de período universitário. Tal nomenclatura se deve ao fato de a Psicologia se ter tornado obrigatória nos cursos de Filosofia, Ciências Sociais e Pedagogia, além de estar inserida em todos os cursos de licenciatura (LISBOA; BARBOSA, 2009). Durante esse período os principais interessados em estudar os assuntos relacionados à Psicologia eram os médicos, porém, os estudos relacionados à subjetividade e ao comportamento humano eram também de interesse de filósofos, pedagogos e teólogos (PEREIRA; NETO, 2003). Sendo assim, nesse período as práticas *psi* eram partilhadas com a Medicina, a Pedagogia e outros campos disciplinares (MANCEBO, 2004).

Em 1946, por meio da Portaria nº 272, referente ao Decreto-Lei nº 9.092, foi institucionalizada a formação do Psicólogo brasileiro. Dessa forma se deu início a cursos de especialização em Psicologia, sendo que um dos primeiros foi de Especialização em Psicologia Educacional, oferecido no ano de 1947 pela Universidade do Estado de São Paulo (USP). Somente no ano de 1953 a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) inicia um curso de especialização em Psicologia (BAPTISTA, 2010). Sendo assim, os primeiros estudantes com ambição de ser Psicólogos deveriam cursar os três primeiros anos de Filosofia, Antropologia, Biologia ou Estatística e somente após realizar o curso de especialização em Psicologia.

Dessa forma, esses profissionais passariam a ser considerados especialistas em Psicologia (PEREIRA; NETO, 2003).

No ano de 1947, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) criou o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (Isop) com o objetivo principal de realizar práticas da Psicologia aplicada, ou seja, buscar o ajustamento entre o trabalhador e o trabalho por meio da aplicação de testes psicotécnicos nos candidatos. Uma das principais contribuições do Isop foi a criação do primeiro periódico brasileiro voltado exclusivamente para a Psicologia, o qual foi nomeado de *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* e lançado dois anos após a criação do Isop (MANCEBO, 2004).

A década de 1950 é considerada importante na história da Psicologia por dar passos importantes rumo à formação e atuação do profissional Psicólogo. No ano de 1952, mais precisamente, iniciam-se discussões acerca da regulamentação da profissão. No ano seguinte, essas ideias são novamente colocadas em pauta no I Congresso Brasileiro de Psicologia, realizado em Curitiba, Estado do Paraná. Os debates foram publicados posteriormente em periódicos (BAPTISTA, 2010). No ano de 1953, mais um curso de formação em Psicologia é iniciado no Brasil, oferecido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ), segundo Mancebo (2004).

No ano de 1954, foi criado um anteprojeto de lei pedindo a regulamentação da profissão e apresentado ao Ministério da Educação, em que eram evidenciadas as indigências da sociedade brasileira e a necessidade de profissionais habilitados para trabalhar com a Psicotécnica Escolar, Psicotécnica do Trabalho e a Psicologia Clínica (BAPTISTA, 2010). Sendo assim, pode-se afirmar que a busca pelo reconhecimento da profissão de Psicólogo ocorreu conjuntamente com o conhecimento especializado e por meio da conquista de um mercado de trabalho (PEREIRA; NETO, 2003).

Mancebo (2004) relata a importância dos profissionais que difundiram as práticas da Psicologia aplicada para a regulamentação da profissão de Psicólogo, ocorrida em 27 de agosto de 1962, através da Lei nº 4.119. Ainda segundo a autora, no

ano de 1962 foi delimitado o currículo mínimo para os cursos de Psicologia, bem como a duração mínima dos mesmos.

As funções do Psicólogo foram determinadas no Decreto nº 53.464, de 21 de janeiro de 1964:

Art. 4º - São funções do Psicólogo: 1) Utilizar métodos e técnicas psicológicas com o objetivo de: a) diagnóstico psicológico; b) orientação e seleção profissional; c) orientação psicopedagógica; d) solução de problemas de ajustamento. 2) Dirigir serviços de Psicologia em órgãos e estabelecimentos públicos, autárquicos, paraestatais, de economia mista e particulares. 3) Ensinar as cadeiras ou disciplinas de Psicologia nos vários níveis de ensino, observadas as demais exigências da lei em vigor. 4) Supervisionar teóricos e práticos de Psicologia. 5) Assessorar, tecnicamente, órgãos e estabelecimentos públicos, autárquicos, paraestatais, de economia mista e particulares. 6) Realizar perícias e emitir pareceres sobre a matéria da Psicologia.

De acordo com Pereira e Neto (2003), foram essas determinações que permitiram ao Psicólogo trabalhar na área clínica, escolar, organizacional e laboral, bem como nas áreas acadêmica e jurídica. Contudo, apesar de a regulamentação da profissão ter ocorrido em 1962, estes autores afirmam que o processo de regulamentação só se finalizou em 1975, após a aprovação do Código de Ética e da instalação dos conselhos. O Conselho Federal de Psicologia (CFP), um dos órgãos regulamentadores da profissão, só foi oficializado em 20 de dezembro de 1971, por meio do Decreto-Lei nº 5.766. Contudo, o Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul (CRP-07) só foi instalado oficialmente em 1974, sob a forte presença de autoridades militares, o que demonstrava claramente o período ditatorial no Brasil (SCARPARO; OZORIO, 2009).

O período militar no Brasil ocorreu entre 1964 e 1985, anos em que a Psicologia era vista pelo governo como uma aliada por desconsiderar a natureza histórica do homem e da sociedade que ele produz, ou seja, estudava os problemas do objeto de atenção, o homem, unicamente pelo âmbito pessoal e nunca pelo âmbito social (CAMBAÚVA; SILVA; FERREIRA, 1998).

Entre 1970 e 1980, as principais áreas lecionadas nos cursos de Psicologia eram as relacionadas com a educação, organizacional e do trabalho e a clínica (PEREIRA; NETO, 2003). Somente após o período militar, uma área básica foi acrescida aos cursos de Psicologia, o campo da Psicologia Social, que passa a perceber o homem como pertencente a um ambiente social, sujeito da história (CAMBAÚVA; SILVA; FERREIRA, 1998). Desse modo, nos anos 1980 a Psicologia teve de se reinventar para dar conta de um novo mercado de trabalho, que exigia a atuação deste profissional além da Psicologia Clínica e Organizacional. Era necessário ao Psicólogo pensar no ser humano inserido em um mundo com a própria cultura e realidade social (BOCK, 1999).

Segundo esta autora, a necessidade do compromisso social da Psicologia hoje serve como fonte de promoção da saúde da comunidade. Porém, para que isso ocorra é necessário que o Psicólogo utilize suas técnicas com parcimônia e as adéque de forma que satisfaçam as necessidades da população-alvo.

Atualmente, pode-se afirmar que a Psicologia já consegue dar conta de várias necessidades sociais, porém sua formação continua sendo muito técnica, ou seja, a regulamentação da profissão por si só não é suficiente para atender aos problemas enfrentados pelos profissionais da área como a pouca literatura nacional, que é uma consequência de pesquisas insuficientes realizadas pelos profissionais da área (BAPTISTA, 2010).

2.3 Formação e atuação do Psicólogo no Brasil

A Psicologia teve nos primórdios um compromisso único e exclusivo com a elite brasileira, unindo-se a essa elite no projeto de modernizar o Brasil por meio das testagens utilizadas em processos seletivos e de orientação profissional, bem como nas escolas, ajudando na formação de classes mais homogêneas que visavam preparar melhor as crianças e os jovens para o mercado de trabalho (BOCK, 2010).

A formação em Psicologia, desde a regulamentação em 27 de agosto de 1962, tem sido fonte inesgotável de debates (NORONHA, 2003). Logo após a regulamentação da profissão, o Psicólogo passou a atuar basicamente em quatro grandes áreas: clínica, escolar, industrial e magistério. Somente no final da década de 1970 com as pressões que o mercado de trabalho exercia, esses profissionais se viram obrigados a buscar outras áreas de atuação, entre elas a da assistência pública e da saúde (DIMENSTEIN, 1998).

Contudo, o reconhecimento social do profissional da Psicologia ainda era provido principalmente pela elite, ou seja, grande parte da população desconhecia a Psicologia. Isso ocorria pelo fato de a profissão utilizar recursos que não eram compreendidos pela maioria da população, gerando assim uma relação tensa e de medo com as demais classes sociais. A entrada da Psicologia na área da assistência pública e da saúde gerou pequenas crises, pelo fato de o profissional querer aplicar técnicas previamente utilizadas com a elite e em um ambiente de consultório, diretamente e sem alterações na saúde pública. Apesar disso, os anos 1970 e 1980 foram considerados período de mudanças no rumo da profissão (BOCK, 2010).

As transformações ocorridas na época se devem ao fato de na década de 1970 ter ocorrido no Brasil o movimento sanitário, que visava à democratização da saúde por meio de reforma nas políticas e práticas de saúde que vigoravam no país. Desse modo, buscava-se ressaltar o vínculo entre saúde e sociedade, bem como desenvolver uma consciência sanitária na população. Na década de 1980, ocorreu no Brasil a reforma da assistência psiquiátrica, que apresentava entre as propostas o desenvolvimento de uma rede ambulatorial composta por uma equipe multiprofissional para melhor atender os pacientes (DIMENSTEIN, 1998).

A história da prática profissional em Psicologia demonstra que as mudanças sofridas pela sociedade e mais especificamente pelos seres humanos obrigaram o Psicólogo a exercer funções para as quais não tinha sido preparado. O despreparo levou a Psicologia de forma geral ao descrédito (CARVALHO; SAMPAIO, 1997). Bock

(1999) acredita que para os Psicólogos voltarem a ter credibilidade é necessário que reconheçam os limites de suas ações enquanto profissionais e vislumbrem a Psicologia como uma ciência em metamorfose, que por meio de um compromisso social busque novas alternativas, novas ações perante o objeto de estudo, o qual também está em constante transformação.

Atualmente, pode-se afirmar que os currículos dos cursos de graduação em Psicologia privilegiam uma formação generalista, buscando sempre levar em conta a realidade institucional e regional de cada curso. Não obstante, a formação em Psicologia continua mantendo expressiva distância entre a formação acadêmica, a realidade profissional e as demandas da sociedade (BETTOI; SIMÃO, 2000). Sendo assim, o que se percebe na prática são cursos que continuam tendo como foco principal as quatro grandes áreas da Psicologia: clínica, organizacional e do trabalho, social e escolar (CARVALHO e SAMPAIO, 1997).

Essas divisões geram uma visão fragmentada da Psicologia, na qual as estruturas curriculares se revelam inadequadas. Tal situação pode estar relacionada ao aumento do número dos cursos de Psicologia, sem o necessário aumento na qualidade. Segundo Calais e Pacheco (2001), é notório o descompasso entre o profissional Psicólogo que se tem atualmente no mercado de trabalho e o profissional que se deseja formar. Esse seria um dos motivos apontados por Bettoi e Simão (2002) para o papel do profissional Psicólogo ter sido amplamente discutido e criticado por vários ângulos, afinal, as mudanças só ocorrem por meio de um processo reflexivo.

Segundo Batomé (2006), um dos grandes problemas enfrentados pelos cursos de graduação em Psicologia é o despreparo dos profissionais em atuar como professores e a ausência de formação específica para trabalhar com o ensino. Noronha (2003) corrobora esse pensamento ao afirmar que os professores são os maiores responsáveis pela formação profissional, pelas reflexões críticas em detrimento da simples memorização e aplicação de conceitos.

As mudanças na sociedade e no próprio homem exigem que o trabalho do Psicólogo transpasse a obviedade dos fatos, que ele procure no não-dito o real significado das ações, que discuta os conhecimentos relevantes para a prática social e seja, principalmente, um profissional que saia da dicotomia do normal *versus* patológico, trabalhando em uma perspectiva de saúde (MOURA, 1999). Essas mudanças devem ser iniciadas na graduação, na qual o acadêmico deveria ser incentivado a responder: “Qual a Psicologia que a população brasileira realmente precisa?” Sendo assim, o graduando estaria identificando comportamentos importantes para o exercício da profissão de Psicólogo no país. Tal questionamento é de fundamental importância, uma vez que os próprios estudantes de Psicologia possuem visão deficiente sobre as possibilidades de atuação profissional enquanto Psicólogos (BATOMÉ, 2006).

Os acadêmicos e os profissionais da área parecem ter dificuldade em compreender que a Psicologia é um trabalho na sociedade e para a sociedade, isso é refletido na motivação dos acadêmicos ao escolher a Psicologia como profissão, escolha que ainda se encontra intimamente relacionada a motivos individuais e pouco vinculada ao trabalho social, no qual a Psicologia pode e deve inserir-se para auxiliar na construção de uma sociedade melhor (BOCK, 2010).

Atualmente, a formação do profissional Psicólogo é composta por uma parte teórica do curso e uma parte prática, contudo, muitas vezes esse contato com a realidade não é por si só visto como problematizador (BOCK, 1999). Existe necessidade cada vez maior de a Psicologia ter nos estágios profissionalizantes um espaço que vá além da prática, que sirva de reflexão teórica e incentive a construção de novos conhecimentos (CARVALHO; SAMPAIO, 1997). Outro campo pouco explorado pela Psicologia é a pesquisa, sendo que o desenvolvimento de pesquisas não depende de alterações no currículo e seria uma maneira eficaz de o acadêmico ser inserido em uma realidade e poder questioná-la (KODJAOGLANIAN, 2003).

O ensino da pesquisa deve ser destacado por ajudar a colocar a Psicologia em movimento e favorecer o desenvolvimento de profissionais curiosos, críticos,

insatisfeitos e sempre em busca do novo. Desse modo, as técnicas ensinadas em sala de aula deixariam de ser mero instrumento para se tornar uma finalidade na atuação desse profissional, que precisa sair da graduação não somente um Psicólogo formado, mas um Psicólogo comprometido com seu tempo e a sociedade (BOCK, 1999).

Nessa perspectiva, acredita-se ser imprescindível a ampliação de estudos e pesquisas que avaliem a realidade dos projetos pedagógicos e das matrizes curriculares que vêm formando os profissionais da Psicologia, uma vez que estes estudos devem abarcar também a área do envelhecimento humano a partir do modo como os conteúdos, atividades extracurriculares e campos de estágio contemplam ou não a complexidade desse processo. Acredita-se que o envelhecimento humano seja uma das etapas do desenvolvimento que se torna cada vez mais proeminente, corroborando, desse modo, indicadores populacionais, em referência mundial e nacional, que apontam para um crescimento irreversível da população idosa e aumento na expectativa de vida, em comparação com a população de crianças e jovens.

Na área de Psicologia, a temática vem ganhando espaço, principalmente no campo do desenvolvimento humano, justamente por levar em consideração estudos que incluem desde o aspecto físico-motor até afetivo-emocional durante todo o ciclo vital da pessoa (BEE, 1997) e abrange várias teorias. Entretanto, nesta dissertação serão abordadas somente duas: a Teoria de Erikson e a Teoria *Lifespan*, pelo fato de ambas abrangerem o processo do desenvolvimento até a velhice.

2.4 *Desenvolvimento humano à luz da Psicologia*

A Psicologia do Desenvolvimento Humano é uma área que enlaça várias teorias. Entretanto, nesta dissertação serão abordadas somente as duas já citadas, ambas escolhidas por abranger todas as fases do ciclo vital. A importância dessas teorias se deve ao fato de o envelhecimento humano ser entendido como um processo que percorre toda a vida do ser humano (BARBIERI, 2003).

2.4.1 Desenvolvimento humano: Teoria de Erikson

Erikson foi um dos primeiros cientistas a considerar que o desenvolvimento da personalidade ocorre durante toda a vida da pessoa. O autor baseou suas ideias no princípio epigenético e enfatizou também a cultura. Afinal, cada fase vai ser organizada pela cultura e experiência de cada pessoa. De acordo com Erikson, o desenvolvimento ocorre em oito fases psicossociais, e cada fase envolve um conflito baseado em uma questão central. Assim, o autor acredita que, com a resolução positiva de cada crise, o ego sairia cada vez mais fortalecido (CLONNINGER, 1999).

Antes de pontuar as crises do ego, faz-se necessário entender melhor o que é o ego. O ego dentro do modelo estrutural proposto por Freud é o separador das demandas inconscientes, ou seja, é considerado o órgão responsável pela tomada de decisões (aspecto consciente) e ao mesmo tempo o órgão que possui os mecanismos de defesa, que são aspectos inconscientes (GABBARD, 1998).

De acordo com Erikson (1998), as fases seriam:

1) confiança *versus* desconfiança (que ocorre no primeiro ano de vida e é baseada nos cuidados parentais, cuja resolução sadia traria o predomínio da confiança);

2) autonomia *versus* vergonha e dúvida (a autonomia deve prevalecer, porém com certa quantidade de vergonha e dúvida);

3) iniciativa *versus* culpa (ocorre entre os 4 e 5 anos de idade e está relacionada diretamente à sexualidade, tendo como objetivo desenvolver a consciência moral, o superego);

4) produtividade *versus* inferioridade (vai da infância à puberdade, e seu principal objetivo é fazer a criança obter reconhecimento produzindo coisas);

5) identidade *versus* confusão de identidade (ocorre na adolescência e traz na resolução uma força do ego conhecida como fidelidade);

6) intimidade *versus* isolamento (ocorre na primeira fase da vida adulta e tem como resultado a capacidade de fusão psicológica com outra pessoa);

7) generatividade *versus* estagnação (diretamente relacionada ao interesse em estabelecer e orientar a próxima geração); e

8) integridade *versus* desesperança (diretamente ligada à velhice).

Ao analisar as oito crises acima mencionadas proposta por Erikson, evidencia-se a visão de ser humano que o autor possuía, ou seja, Erikson via o ser humano como um ser social e contínuo, uma vez que cada fase influencia a posterior. Desse modo, pode-se assegurar que um dos principais pontos da teoria de Erikson é afirmar que a personalidade não é fixada na infância e que, sim, ela pode ser parcialmente modificada por experiências posteriores, isto é, em cada crise a personalidade se vai adaptando.

A última crise relatada por Erikson – da integridade *versus* desesperança – aponta a necessidade de na velhice a pessoa recapitular, avaliar e repensar a trajetória vivida. Ao realizar essa tarefa de maneira satisfatória, a pessoa terá um ego mais íntegro, ou seja, terá maior significação para a vida dentro de uma ordem social mais ampla: passado, presente e futuro (PAPALIA; OLDS, 2006).

Bee (1997) pontua que para Erikson o idoso somente conseguiria a integridade do ego por meio da aceitação da morte e de sua iminência. Dessa forma a pessoa seria menos temerosa à morte e conseguiria ver a vida com mais alegria. Entretanto, essa aceitação nunca seria completa e sempre viria com um pouco de desespero.

As crises expostas por Erikson delinearão importantes paradigmas sobre o desenvolvimento humano em Psicologia por contemplar a vida humana em toda a extensão e não focar a teoria somente na infância e na adolescência. Além disso, outro ponto importante da teoria é o fato de relacionar as crises (sequência fixa e gerada internamente) com as questões sociais e culturais de cada pessoa (NERI, 2001).

2.4.2 Desenvolvimento humano: Teoria *Lifespan*

Atualmente, o paradigma mais aceito dentro da Psicologia do Desenvolvimento Humano é a teoria do desenvolvimento ao longo de toda a vida (*lifespan*), isso ocorre porque esta teoria compreende o envelhecimento como um processo contínuo, multidimensional e multidirecional (NERI; JORGE, 2006). Os teóricos desse paradigma acreditam que: “no desenvolvimento adulto as pessoas são seres ativos em mudança e que estão em contínua interação com um ambiente igualmente ativo e em mudança”, o que caracteriza a perspectiva dialética da teoria (NERI, 2002).

A Teoria *Lifespan* leva em consideração o estudo da constância e mudança de comportamento dos seres humanos ao longo da vida e tem caráter ontogenético, ou seja, acredita na mudança e constância do comportamento desde a concepção até a morte, e o eu se baseia na dinâmica e contínua interface entre crescimento (ganho) e declínio (perda). Sendo assim, a teoria leva em consideração as mudanças previsíveis do envelhecimento humano, sejam de natureza genético-biológica (graduadas por idade), psicossociais (determinadas pelos processos de socialização e influências graduadas pela história), sejam não-normativas (alterações que não podem ser previstas por influência de agendas biológicas e sociais) (BALTES, 1987).

Essas mudanças ocorrem de forma multilinear e descontínua, o que permite que as pessoas sejam diferentes entre si. Entretanto os teóricos do desenvolvimento e envelhecimento ao longo da vida acreditam que, apesar das diferenças ocorridas durante o processo, na velhice, as pessoas estarão mais dependentes dos processos culturais, porém menos responsivas a sua influência (NERI, 2002).

Baltes agrega à Teoria *Lifespan* sobre o desenvolvimento a Teoria de Seleção, Otimização e Compensação (SOC), que busca enfatizar um modelo teórico de envelhecimento bem-sucedido. Assim, a seleção se refere à especificação e diminuição de alternativas permitidas pela plasticidade individual, e a otimização está ligada à aquisição, aplicação, coordenação e manutenção de recursos internos e externos

envolvidos no alcance de níveis mais altos de funcionamento; e a compensação diretamente ligada à adoção de alternativas para manter o funcionamento, visando ao desenvolvimento bem-sucedido ou adaptativo (NERI, 2006).

Dulcey-Ruiz (2010) enfatiza a necessidade dos profissionais da Psicologia se preocupar com o processo de envelhecimento; com as condições da velhice e perceber esse processo como uma construção cultural, a qual ocorre ao longo da vida. Evidencia-se, dessa maneira, a importância de completar a Teoria *Lifespan* para que ocorra uma diminuição das diferenças entre o funcionamento biológico e as metas socioculturais, principalmente durante a velhice.

Na década de 1980, a Psicologia precisou se reinventar para dar conta de um novo mercado de trabalho, que apontava para a necessidade de atuação deste profissional num novo campo, ultrapassando a Psicologia Clínica e Organizacional. Era necessário pensar no ser humano inserido em um mundo com a própria cultura e realidade social (BOCK, 1999).

A temática do envelhecimento humano e da velhice deve incentivar mais uma transformação dentro da Psicologia, que é estimular a união das principais ênfases trabalhadas atualmente nos cursos (Psicologia Clínica; Organizacional e do Trabalho; Escolar e Social) para que, desse modo, se possa compreender melhor o fenômeno do envelhecimento em toda a complexidade, uma vez que as teorias do desenvolvimento, por si só, não estão sendo suficientes para isso.

2.5 *As ênfases da Psicologia e o envelhecimento humano*

Considerando que as principais ênfases da Psicologia, trabalhadas nos cursos de graduação atualmente, são: a Psicologia Clínica, a Psicologia Social, a Psicologia Escolar e a Psicologia Organizacional e do Trabalho, este tópico terá como objetivo discutir quais contribuições de cada uma dessas ênfases para a temática do envelhecimento humano e da velhice.

2.5.1 Psicologia clínica

Neri (2004) acredita que a Psicologia clínica possa contribuir ativamente com a população mais envelhecida fazendo uso das técnicas principalmente relacionadas à Psicoterapia Cognitiva Comportamental, Psicoterapia Breve e Dinâmica e Psicoterapia de Apoio. Ou seja, prioriza as intervenções em crise em prol da Psicoterapia de Orientação Analítica. As intervenções em crise têm como objetivo principal lidar diretamente com a superação de uma crise. Na velhice, a pessoa passa por várias crises, assim como em outras etapas do envelhecimento humano, contudo é sabido que com a perda da plasticidade ocorre uma dificuldade na resolução das crises (AGUIAR, 1998).

Dessa forma, este tipo de intervenção seria de grande valia justamente por propiciar ao paciente a resolução da crise em um período de aproximadamente dois meses. Essa modalidade de intervenção ocorre geralmente dentro da Psicoterapia Breve e necessita que o terapeuta seja flexível, rápido, empático e acessível para que o paciente consiga superar a crise que está enfrentando. A Psicoterapia Breve Dinâmica é embasada na Psicanálise, porém se diferencia do método clássico da Psicanálise pelo fato de o paciente procurar o terapeuta com um objetivo definido e circunscrito em torno de um foco, ou seja, com um tema que possa constituir a base das interpretações (EIZIRIK *et al.*, 1998).

Sendo assim, pode-se afirmar que a Psicoterapia Breve Dinâmica lida diretamente com um conflito, geralmente situado no presente, o que faz com o que o terapeuta precise ser bastante ativo para conseguir manter o foco das sessões, que geralmente versam entre vinte e 25 sessões, e permitir que o paciente consiga produzir um *insight* intelectual, que dentro desta técnica é o que possui o valor terapêutico. A Psicoterapia Breve Dinâmica tem como premissa o fato de que, uma vez resolvido o conflito atual, as repercussões poderão estender-se para além do foco, com possibilidade de mudanças em outras áreas da vida do paciente (EIZIRIK *et al.*, 1998).

Outra abordagem teórica sugerida por Neri (2004) é a Psicologia de Apoio, que tem como principal objetivo o alívio dos sintomas e a mudança do comportamento manifesto sem ênfase na modificação da personalidade ou na resolução do conflito inconsciente. Para isso, a Psicologia de Apoio reforça as diferentes estruturas do ego do paciente, e para que este reforço ocorra é necessário que exista uma boa aliança paciente-terapeuta (CORDIOLI, 1998).

Dentre as várias técnicas psicoterápicas existentes, acredita-se que as técnicas de curta duração são mais indicadas para a população envelhecida. Pensando nisso, a Psicoterapia Cognitiva Comportamental, que se baseia na teoria da aprendizagem, pode ser outra indicação para o público idoso. Esta modalidade de terapia acredita que a aprendizagem possa ocorrer ao longo da vida e tem como foco os processos cognitivos que são centrais para a personalidade (CLONINGER, 1999).

É uma terapia considerada uma das mais populares entre os idosos. Contudo, é fundamental que o paciente seja ativo e capaz de suportar níveis crescentes de ansiedade, disciplina e persistência. Afinal, a terapia tem como base exercícios e exposição aos estressores relacionados diretamente ao problema que o paciente trouxe à consulta. Este tipo de Psicoterapia geralmente é de duração breve, com média de dez semanas (CORDIOLI, 1998).

Sabe-se que existem outras abordagens terapêuticas que poderiam ser utilizadas com sucesso na população idosa, no entanto, foram citadas as terapias consideradas de curta duração para ilustrar que existe a possibilidade de o público idoso estar usufruindo dos benefícios da psicoterapia, afinal, é sabido que durante muito tempo existiu um afastamento mútuo entre os psicoterapeutas e os idosos.

Logo, a clínica com os idosos deve ser encarada como um novo desafio, e deve-se lembrar que, assim como em outras faixas etárias, a qualidade da relação é fator determinante do processo terapêutico (REBELO, 2007).

2.5.2 Psicologia Social

A Psicologia Social é o campo que estuda as interações sociais. Dentro das interações sociais, um dos conceitos estudados é a percepção social, que é a forma como se percebe o outro. A percepção social não é somente ouvir e ver, ela remete aos significados dados àquilo que se ouve e vê (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001). Sendo assim, esta área da Psicologia é fundamental para compreender os significados dados ao envelhecimento e a velhice na sociedade contemporânea.

Rodrigues (2000) pontua que o Psicólogo dentro desta abordagem busca compreender as relações dos seres humanos com os demais. As constantes interações resultam no processo de interação social (comportamental ou cognitiva), as quais são principal objeto de estudo da Psicologia Social. Bock, Furtado e Teixeira (2001) afirmam que as pessoas possuem diferentes papéis dentro da sociedade que irão caracterizá-las e gerar expectativas sobre comportamentos (papéis prescritos). Mas nem sempre as pessoas agem dentro dos papéis prescritos, gerando assim o papel desempenhado. Esses diferentes papéis sociais juntamente com a plasticidade do ser humano permitem que o indivíduo possa adaptar-se às mais variadas situações sociais.

A Psicologia Social tem como uma das teorias as Representações Sociais, que objetivam mostrar uma realidade a partir do olhar do ser humano, ou seja, tem como objeto de estudo o senso comum. Essa abordagem teórica pode ser uma forma de o pesquisador conseguir mostrar a partir de um entendimento mais fidedigno a realidade da velhice no Brasil e a própria compreensão a partir do olhar do idoso, bem como da sociedade (JACQUES, 2002).

O preconceito também é objeto de estudo da Psicologia Social e pode ser conceituado como sendo “comportamentos negativos direcionados a indivíduos ou grupos baseados num julgamento prévio” (RODRIGUES, 2000). O preconceito é intensamente vivido pelo idoso, uma vez que este parece ter sido relegado a funções que o levam a perder a autoridade. No Brasil, esse preconceito se torna mais visível ao

pensar que 10% da população é composta por idosos e que muitos são provedores do lar, mas esses fatos parecem não ter relevância, pois na sociedade brasileira de um modo geral a velhice é vista como um período dramático associado à invalidez e à morte (ELSNER; PAVAN; GUEDES, 2007).

O campo da Psicologia Social mais profundamente relacionado com as questões da sociedade é a Psicologia Social Comunitária. Dentro dessa vertente, o Psicólogo sempre inicia o trabalho realizando o levantamento de necessidades para conseguir perceber quais as necessidades das comunidades. A partir desse levantamento o Psicólogo Social irá trabalhar com as necessidades previamente pontuadas pela comunidade para que os indivíduos participantes das dinâmicas se tornem sujeitos da própria jornada (CAMPOS, 2002).

Segundo esta autora, a Psicologia Social comunitária acredita que o conhecimento se produz na interação entre o profissional e os sujeitos da investigação. Visando sempre a um compromisso ético e político que gere melhoria da qualidade de vida da população focalizada. A Psicologia Social por trabalhar com as relações e interações sociais possui grandes possibilidades de atuação com grupos de idosos, sejam eles institucionalizados ou não. Essa abordagem teórica pode trabalhar de maneira mais ampla para tornar visível o processo de envelhecimento que faz se faz presente na sociedade atual, bem como tentar desprender o envelhecimento e a velhice de estereótipos negativos.

2.5.3 Psicologia Escolar

Ao mencionar a Psicologia Escolar deve-se lembrar que *a priori* este campo da Psicologia era considerado apenas como extensão da Psicologia Clínica, afinal, o Psicólogo desenvolvia na prática atendimentos individuais e aplicações de testagem, com o objetivo de verificar os problemas de aprendizagem e assim conseguir melhor adaptação do aluno à escola (ELIAS; VERAS, 2008).

Atualmente, acredita-se que o Psicólogo escolar tem necessidade de trabalhar com pais e professores bem como com as políticas públicas que permeiam este ambiente, como a Declaração Universal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Hoje em dia, o Psicólogo Escolar deve realizar intervenções que visem ao desenvolvimento interpessoal dos alunos, deixando de lado apenas a identificação de distúrbios e dificuldades dos alunos.

Apesar disso, no Brasil é muito comum que ainda ocorram práticas somente baseadas nos problemas de aprendizagem (GUZZO, 2003).

Tendo em vista o crescimento da população idosa no Brasil e o aumento das relações intergeracionais, pode-se pensar nas possibilidades de trabalhar sobre essa temática com as crianças e os adolescentes em idade escolar. Dessa forma, provavelmente eles lidarão melhor com essa questão no futuro, bem como conseguirão compreender melhor as diferenças existentes entre eles e as pessoas mais velhas, conseqüentemente, passarão a respeitar mais os avós e as pessoas mais velhas que fazem parte de seu convívio.

Guzzo (2003, p. 39) corrobora com essa ideia ao mencionar que:

[...] espera-se que o profissional de Psicologia esteja mais preocupado com a prevenção e a promoção de saúde e do bem-estar subjetivo, envolvendo-se em atividades que permitam aos estudantes obterem sucesso em suas atividades de vida, diminuindo o curso de violência, do fracasso escolar, da gravidez precoce dentre outros comportamentos considerados de risco ao desenvolvimento saudável.

Esse tipo de atuação do Psicólogo escolar se faz importante pelo fato de hoje a escola ter assumido um papel de divisor de águas, em que o homem deixa o convívio familiar (mundo privado) para fazer parte de um meio social (mundo público). Ou seja, existe a necessidade de preparar este aluno para o mundo público de maneira mais ampla, não restrita somente aos bancos escolares (SOUZA; PETRONI; BREMBERGER, 2007).

2.5.4 Psicologia Organizacional e do Trabalho

A Psicologia Organizacional e do Trabalho é a área que lida diretamente com as questões relacionadas às organizações e ao trabalho. Dessa forma, é necessário conceituar organizações para a *posteriori* conceituar trabalho e logo a seguir qual é o papel do Psicólogo dentro dessa área e como ele se pode relacionar com o envelhecimento humano.

Levando em consideração Bastos (2003), pode-se afirmar que as organizações são ferramentas sociais formadoras de coletivos humanos, que fazem uso de equipamentos, pessoas, dinheiro entre outros em prol de um objetivo comum. Sendo assim: “os fenômenos organizacionais são considerados processos psicossociais, que estruturam a vida dos indivíduos e o funcionamento das sociedades” (ZANELLI; BASTOS, 2004 apud TONETTO *et al.*, 2008, p. 166).

Contudo, a concepção de trabalho sempre esteve predominantemente ligada a uma visão negativa, a *Bíblia* corrobora com essa visão quando menciona que Adão e Eva eram felizes até ser expulsos do Paraíso e receber como punição o trabalho. A Adão coube o suor oriundo do trabalho, e a Eva o trabalho de parto. Desde a Grécia antiga, o trabalho teórico era mais valorizado por estimar a essência do homem racional, enquanto o trabalho manual era desvalorizado por ser executado por escravos (ARANHA; MARTINS, 1995).

Todavia, Aued (2000) acredita que é no mundo do trabalho que o indivíduo se organiza e planeja o presente, passado e futuro, com experiência prática, e assim se reafirma socialmente, porque trabalha. Então, o sentido do ser tem relação intrínseca com o ter, e caso esses dois sentidos soem incompatíveis acontece a desmotivação, o estresse, a insatisfação e até mesmo a loucura.

O mesmo autor menciona que o processo de identidade do ser humano passa a representar-se por meio do trabalho, no resultado daquilo que se faz e não no resultado daquilo que se faz para si mesmo. Dessa forma, percebe-se que, ao se aposentar, a

peessoa vai enfrentar uma lacuna na identidade, pois deixa de ser alguém com uma identidade relacionada ao trabalho para ser alguém aposentado. Esse é um nicho bastante importante para o trabalho sobre o envelhecimento humano vinculado diretamente com a aposentadoria.

Dessa forma o papel do Psicólogo Organizacional e do Trabalho seria auxiliar os idosos no processo da aposentadoria para que estabeleçam novos vínculos e resgatem a identidade de forma dissociada ao trabalho. Uma vez que a aposentadoria é um marco no caminho para a velhice, o Psicólogo Organizacional e do Trabalho pode auxiliar no processo de desinvestimento profissional, preparando tanto o indivíduo quanto a empresa para a quebra de laços tanto afetivos quanto emocionais entre ambos (ERBOLATO, 2002).

3 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Nesta parte do estudo será apresentada a metodologia da pesquisa, que se divide em subitens para especificar os passos desenvolvidos. O fio condutor buscou dar conta dos objetivos traçados, quais eram: analisar a temática do envelhecimento humano e da velhice dentro dos cursos de Psicologia de três instituições de ensino superior (IES); identificar a frequência com que os assuntos referentes ao envelhecimento humano e a velhice são abordados dentro dos cursos de Psicologia; e, por fim, constatar o modo como essa temática é abordada dentro dos cursos. Assim, iniciou-se o estudo pela caracterização e seleção dos participantes da pesquisa, instrumentos, coleta dos dados, análise e interpretação dos dados e, por fim, os aspectos éticos.

3.1 Delineamento da pesquisa

O delineamento deste estudo constitui uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa foi utilizada como base para cumprir os objetivos propostos, por possibilitar ao pesquisador o trabalho com um imenso universo de significados; motivos; crenças e valores, permitindo, desse modo, que se encontre resposta a questões muito particulares. (MINAYO; NETO; GOMES, 1994). Além de possibilitar um processo de construção e interpretação durante todos os momentos da pesquisa, deixando de ser restrita apenas à coleta de dados (Rey, 2002).

Visando aos objetivos da pesquisa, foi utilizada como método para coleta dos dados uma entrevista semiestruturada com os coordenadores dos cursos Alpha, Beta e Gama (Apêndice B), que objetivava compreender o histórico do curso de Psicologia dentro da instituição; as ênfases do curso; a frequência e o modo como a temática relacionada ao envelhecimento humano é abordada. A entrevista semiestruturada com os professores (Apêndice C) indicados pelos coordenadores dos cursos teve como objetivo compreender a perspectiva usada pelo professor para trabalhar as questões relacionadas ao envelhecimento e velhice nas aulas, a frequência com que a temática é

abordada, os espaços de prática profissional e pesquisas acerca da temática, bem como a receptividade dos alunos perante o tema do envelhecimento e velhice.

As entrevistas acima mencionadas tiveram como base as orientações de Scarparo (2000), ao serem construídas de uma forma que permitissem ajustes, de acordo com a demanda do entrevistado. Os tópicos que compunham as entrevistas foram apresentados aos entrevistados de forma a permitir que os entrevistados falassem tranquilamente sobre os temas propostos. (MARTINS; BICUDO, 1989)

3.2 *Seleção dos participantes da pesquisa*

A população alvo deste estudo foram cursos de Psicologia de três IES da região norte do Estado do Rio Grande do Sul.

O critério utilizado para a escolha da amostra foi a relevância dessas IES no âmbito regional e a existência de cursos de Psicologia nas IES, bem como pelo fato de ser escolhidas por muitos universitários da região.

Participaram da pesquisa coordenadores dos cursos de Psicologia de três IES, caracterizadas nesta pesquisa como Alpha, Beta e Gama. Cada coordenador foi convidado a indicar professores que trabalham com a temática do envelhecimento humano e velhice dentro dos seus cursos para fazer parte da pesquisa.

Sendo assim, pode-se afirmar que a população foi definida por meio dos critérios da pesquisa qualitativa, em que se deve levar em consideração a capacidade e a potencialidade dos participantes discorrerem sobre o tema proposto (SCARPARO, 2000).

3.3 *Instrumentos*

A pesquisa teve início com a entrega de cartas-convites para cada IES, que foram entregues pessoalmente pela pesquisadora aos coordenadores dos cursos. A opção de entregar pessoalmente deve-se à importância dada pela pesquisadora a este encontro inicial, quando foi oportunizado um espaço para explicar a proposta da

pesquisa, bem como solicitar aos coordenadores a indicação de professores para participar da pesquisa. A oportunidade foi utilizada para clarificar aos coordenadores dos cursos do fato de que os professores indicados para participar deveriam obrigatoriamente trabalhar com os alunos questões relacionadas à velhice e ao envelhecimento humano.

O primeiro contato com os coordenadores dos cursos de Psicologia ocorreu dentro das próprias IES à qual pertencem. Este primeiro momento foi de grande importância para esclarecimentos sobre os procedimentos da pesquisa, dessa forma, explicou-se que cada entrevistado participaria de uma entrevista semiestruturada, a qual seria gravada em áudio para posteriormente ser transcrita, e determinado que as entrevistas ocorreriam em local e horário desejado pelo entrevistado, levando no máximo trinta minutos. Após as explicações, a pesquisadora se colocou à disposição para esclarecer outras possíveis dúvidas.

Considerando que as dúvidas haviam sido esclarecidas e tendo em mãos o aceite das IES, o projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da UPF, que autorizou a realização da pesquisa (Anexo A). Após a autorização da pesquisa, o projeto passou por uma banca de qualificação, a qual considerou a proposta apta para ser executada. Em seguida o projeto foi colocado em prática.

3.4 *Coleta de dados*

A coleta de dados teve início com o contato com os coordenadores dos cursos de cada IES; contatos realizados por meio de telefonemas e e-mails. Torna-se importante ressaltar que como forma de preservar e manter em sigilo o nome das IES que participaram das pesquisas, as mesmas serão tratadas pesquisa como Alpha, Beta e Gama.

A pesquisa teve início em fevereiro de 2012, época em que alguns professores estavam em férias, sendo assim, as primeiras entrevistas foram realizadas com os coordenadores dos cursos, os quais prontamente disponibilizaram um horário nas

próprias IES para realização das entrevistas. Sendo assim, as entrevistas foram realizadas de forma aleatória respeitando a disponibilidade de cada participante. As entrevistas com coordenadores dos cursos levaram em média trinta minutos e transcorreram de forma natural, porém algumas vezes os entrevistados não davam muita abertura para o aprofundamento da temática.

O fato de a pesquisa ter tido como ponto de partida a fala dos coordenadores dos cursos selecionados foi importante, pois eles ocupam um papel central no desenvolvimento e execução dos respectivos projetos pedagógicos de cada curso; acrescente-se, ainda, o fato de que, em princípio, os coordenadores devem dominar e orientar o desenvolvimento dos conhecimentos globais do curso que coordenam. Em seguida, foram realizadas entrevistas com os professores dos cursos, totalizando nove entrevistas para o desenvolvimento deste estudo, o qual por ser de caráter qualitativo não se baseia em critério numérico para garantir representatividade (MINAYO; NETO; GOMES, 1994).

As entrevistas com os professores dos cursos foram caracterizadas pela dificuldade de contato com alguns profissionais, muitos creditaram essa dificuldade por ser fevereiro ainda um mês de férias e março o mês em que efetivamente ocorreu a volta às aulas. Contudo, por meio de vários contatos via e-mail e telefone foi possível agendar e realizar as entrevistas com quase todos os professores indicados para fazer parte da amostra. Todavia, dos quatro professores indicados pela instituição Alpha, apenas dois efetivamente participaram, sendo inclusive os que mais remarcaram horários para a realização da entrevista. Os outros dois professores não participaram da pesquisa por alegar não trabalhar com questões relacionadas ao envelhecimento humano e velhice. Esse dado vai ser analisado *a posteriori*.

As entrevistas somente tiveram início após a explicação sobre os objetivos da pesquisa, bem como após a elucidação de que a mesma seria gravada em áudio para posteriormente ser transcrita pela pesquisadora. As dúvidas dos entrevistados também foram respondidas antes do início de cada entrevista, que assim, como a dos

coordenadores, foi realizada aleatoriamente respeitando a disponibilidade de cada profissional.

É imprescindível afirmar que todos os participantes antes de ser entrevistados concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que teve por base a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que trata da participação de pessoas na pesquisa e que já havia sido previamente validado pelo comitê de ética em pesquisa da UPF (Apêndice A).

3.5 *Análise e interpretação dos dados*

No tópico anterior, foi mencionado que todas as entrevistas foram gravadas para facilitar a transcrição literal de cada uma. Sendo assim, após o término de cada entrevista a pesquisadora fez a transcrição de cada entrevista para facilitar no processo de análise de conteúdo proposto por Minayo, Neto e Gomes (1994). Após o que foi realizada uma leitura flutuante, de modo a permitir uma pré-análise do material existente em cada entrevista.

Ao término das transcrições, deu-se início à exploração do conteúdo presentes em cada uma, que foram então agrupados em tabelas para que pudessem ser melhor tratados e conseqüentemente interpretados.

Sendo assim, a análise e interpretação dos dados envolveu as quatro fases propostas por Minayo, Neto e Gomes (1994) para a análise de conteúdos: pré-análise, exploração do material, tratamento dos dados obtidos e interpretação dos mesmos.

O acesso dos participantes aos resultados da pesquisa foi viabilizado pelo envio de convites para a banca de defesa da dissertação e serão comunicados sempre que houver alguma publicação resultante da dissertação.

Contudo, a instituição Gama mostrou-se interessada em ter o resultado desta pesquisa divulgado *in loco* por meio de uma palestra para os professores e acadêmicos.

3.6 Aspectos éticos

A pesquisa só teve início após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Passo Fundo (Anexo E), que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos. A aprovação ocorreu em 30 de novembro de 2011.

Foram seguidas as normas da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde sobre a participação de pessoas na pesquisa, certificando que:

a) os participantes terão a liberdade de participar ou não da pesquisa, tendo assegurado essa liberdade sem quaisquer represálias atuais ou futuras, podendo retirar o consentimento em qualquer etapa do estudo sem nenhum tipo de penalização ou prejuízo;

b) os participantes terão assegurados a não identificação de sua identidade bem como o caráter confidencial das informações por eles fornecidas;

c) os participantes terão a liberdade de acesso aos dados do estudo em qualquer etapa da pesquisa; e,

d) os participantes terão assegurado o acesso aos resultados da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo serão abordados os dados colhidos na pesquisa qualitativa. Inicialmente será apresentada uma caracterização dos cursos estudados para posteriormente expor as questões mais específicas envolvendo a temática da velhice e do envelhecimento humano. Posteriormente, serão pontuados dados referentes à forma como a temática da velhice e do envelhecimento humano é abordada nos cursos de Psicologia, a percepção do corpo docente acerca da temática, o espaço para prática profissional relacionada ao, bem como o interesse dos alunos perante o assunto.

4.1 *Histórico das Instituições de Ensino Superior estudadas*

A necessidade de analisar o histórico das instituições que participaram da pesquisa ocorre uma vez que os cursos de Psicologia da amostra foram criados em contextos históricos diferentes: o primeiro tem 34 anos; o segundo onze anos e o terceiro sete anos. Sob a luz dessa análise inicial, constatou-se que o tempo de vida de cada curso influencia diretamente na construção de determinado modelo de formação profissional. O histórico dos cursos também foi analisado durante a pesquisa, visto que é necessário conhecer o contexto histórico e cultural dos quais estes cursos fizeram parte durante a formação para melhor compreender quais foram os motivadores da criação.

Percebeu-se também que o número de disciplinas trabalhadas nos cursos que têm como temática o envelhecimento humano e a velhice é pequeno, uma vez que a referência é um curso que possui duração média de cinco anos, sendo normalmente ministradas de seis a sete disciplinas por semestre. Os cursos de Psicologia aqui tratados como Alpha e Beta têm apenas uma disciplina relacionada à temática do envelhecimento e velhice, enquanto o curso Gama possui quatro disciplinas para trabalhar o assunto. A justificativa para tanto parece vir da própria coordenação dos cursos, que tendem a enfatizar mais uma área da Psicologia que outra. Contudo, não se pode deixar de mencionar que o curso da instituição Gama é coordenado por um

professor que teve a dissertação de mestrado focada na temática do envelhecimento humano e da velhice, o que pode ter influenciado diretamente no fato deste ser o curso com maior ênfase nas questões relacionadas a velhice e envelhecimento humano.

4.2 *Origem dos cursos pesquisados*

Os cursos pesquisados tiveram diferenças na origem. O curso Alpha teve como motivador principal para a criação o desejo do futuro corpo docente, como se pode verificar na fala do coordenador: “(...) *na verdade era um desejo de vários professores a ideia de ter aqui um curso de Psicologia; na região foi o primeiro, então, eu acho que bem interessante a ideia*”.

O curso Beta teve um motivador: “*O curso foi pensado devido à demanda regional que tinha; e na medida em que a universidade se ampliava o curso de Psicologia era um dos cursos que estava previsto no projeto pedagógico institucional (...)*”.

curso da instituição Gama teve um início diferenciado dos demais e de todos foi o único que teve a origem posterior a um curso de especialização na área. O que é evidenciado na fala do coordenador: “(...) *o processo de constituição do curso de Psicologia [foi porque] nesse primeiro momento nós oferecemos curso de pós-graduação na área de Psicologia Clínica*”.

4.3 *Ênfases dos cursos pesquisados*

Após entender a motivação para criação dos cursos, foram investigadas as ênfases que os cursos possuem: torna-se necessário o estudo das ênfases dos cursos para compreender quais áreas da Psicologia são mais enfatizadas. Por meio da fala dos entrevistados pode-se compreender que os cursos parecem ainda priorizar a prática clínica, muito comum e incentivada nos anos do governo militar (1964 a 1985) (CAMBAÚVA; SILVA; FERREIRA, 1998). Esse fato é corroborado pela fala dos

coordenadores do curso Alpha: “(...) as ênfases em três áreas básicas que são: *Psicologia Clínica, a Psicologia Escolar e a Psicologia Social e do Trabalho*”; Beta: “(...) é a ênfase de *Psicologia e processos clínicos e a ênfase de Psicologia e práticas sociais e institucionais*”; e Gama: “(...) envolvendo as duas ênfases que nós já tínhamos estabelecido anteriormente que são *Psicologia Clínica e Psicologia Institucional e Organizacional*”.

Tendo em vista o histórico do curso e as ênfases, a entrevista passou a ser focada no envelhecimento humano e na velhice. Sendo assim, os próximos itens analisados remetem mais diretamente à temática do estudo.

4.4 *A velhice, o envelhecimento humano e os cursos pesquisados*

Com o aumento do número de idosos aumenta conseqüentemente o nível de dependência desses indivíduos, gerando assim maior necessidade de recursos sanitários, físicos e humanos. Dessa forma, torna-se necessário que cursos como de Psicologia ampliem o foco, ou seja, passem a olhar com mais atenção para questões como o envelhecimento e a velhice, visando à promoção e adaptação das pessoas ao processo do envelhecimento humano (FONSECA; GONÇALVES; MARTÍN, 2009).

Contudo, autores como Bee (1997) afirmam que a temática é basicamente trabalhada na Psicologia do Desenvolvimento Humano, sendo assim, o envelhecimento é visto de forma bastante técnica, sendo compreendido apenas como mais uma fase do ciclo vital que compreende aspectos que vão do físico-motor até o afetivo-emocional. Ou seja, acaba-se mostrando o envelhecimento como uma fase distante da vida dos acadêmicos, que na maioria estão com idade de 20, 30, 40 anos, e, além de distanciar-se essa fase dos acadêmicos, acaba-se por tratá-la apenas como um momento de perdas.

Dessa forma, estudam-se os aspectos relacionados à velhice e envelhecimento, como sendo apenas uma fase que deva ser cumprida, gerando uma sensação de que se esquece de mencionar para os acadêmicos a pluralidade das pessoas que estão vivenciando ou que irão vivenciar esse processo, ou seja, esquece-se de demonstrar os

pontos positivos dessa fase e principalmente as formas de a pessoa chegar mais plena a esse momento da vida (BARBIERI, 2003).

A fala dos coordenadores dos cursos pontua exatamente o que foi acima mencionado: “(...) quando a gente fala de Psicologia do Desenvolvimento, uma delas está focada no... no envelhecimento humano (...)” – coordenador do curso Alpha; “(...) Dentro de algumas disciplinas, principalmente na disciplina de Desenvolvimento, né, que é a Psicologia do Desenvolvimento (...)” – coordenador do curso Beta; e “(...) uma disciplina que nós chamamos de Psicologia do Desenvolvimento III, voltada diretamente para o estudo do envelhecimento humano” – coordenador do curso Gama.

Não obstante, o coordenador do curso Beta acrescentou: “(...) realmente assim, no curso uma disciplina mais específica sobre o envelhecimento não tinha e não tem ainda, tá? Embora as discussões vão acontecendo sempre em diferentes disciplinas (...). Na Psicologia eu acho que por um bom tempo essa não foi uma preocupação e agora a gente tem sentido que é importante”.

O coordenador do curso Gama parece corroborar as ideias do coordenador do curso Beta ao mencionar: “Pela tamanha importância que tem o tema, nós teríamos que explorar mais porque nenhuma instituição hoje no Brasil faz isso, ela supre a sua integralidade a todos os temas que são relevantes no mercado de trabalho”.

Os coordenadores dos cursos demonstraram na fala compreender a importância de trabalhar o envelhecimento humano e a velhice nos cursos de Psicologia. No entanto, fica evidente a dificuldade de encontrar um caminho para trabalhar com os graduandos essas questões, principalmente no que se refere a linhas teóricas o que também é ratificado na fala do professor P1: “(...) as teorias psicológicas, e aí, eu acho que eu já te dou um dado, as teorias psicológicas, isso eu acho que a Neri traz muito bem, que são poucas perto das outras áreas, então, o que acaba acontecendo? Tem as teorias psicológicas, mas como elas não são muito vastas, acaba então que os Psicólogos também por não ter tantas teorias para trabalhar em cima da questão do envelhecimento humano acabam que talvez também (são vários fatores), talvez não tenham tanto interesse”.

O professor P2 autentica a fala de P1 ao alegar que: *“A Psicologia do Desenvolvimento mesmo, a Psicologia do Desenvolvimento, ela nasce com o estudo das crianças propriamente ditas, há um aprofundamento enorme do estudo do Desenvolvimento Infantil e um aprofundamento bem pequeno, se dá para dizer aprofundamento, no estudo do envelhecimento”*.

Essas falas fundamentam a necessidade de estudar e principalmente de a Psicologia pesquisar mais sobre o envelhecimento humano e a velhice propriamente dita. Afinal, as correntes e perspectivas teóricas do desenvolvimento humano têm focado muito mais na fase da infância e da adolescência do que na adultez e na velhice (NERI, 2006).

4.5 *Assuntos abordados sobre a temática da velhice e do envelhecimento humano com os alunos dos cursos pesquisados.*

Os professores dos cursos entrevistados foram mais enfáticos do que os coordenadores ao mencionar os assuntos abordados dentro da temática nos cursos de Psicologia. De acordo com a fala dos professores pode-se perceber que são eles que dão o tom do que trabalhar e de que forma são trabalhadas as questões relacionadas ao envelhecimento humano e a velhice, como se pode perceber nas frases abaixo:

“Eu dou um panorama mais amplo da questão demográfica, cultural, o que a aposentadoria significou para o envelhecimento humano, e daí eu também trabalho nesta parte a questão do envelhecimento biológico, bem específico assim (...). Trabalho as possíveis intervenções em diferentes locais, mas principalmente nas casas de longa permanência, o que o Psicólogo pode fazer e o que ele pode promover, porque não precisa só ele fazer, ele pode chamar outros profissionais...” (P1). Este professor demonstra trabalhar muito mais com as questões voltadas à institucionalização do idoso, ou seja, além de trabalhar as questões relacionadas ao desenvolvimento, trabalha com os alunos o envelhecimento relacionado com a Psicologia Social, sendo assim, insere esse idoso na da sociedade, buscando compreender suas relações sociais (Rodrigues, 2000).

O professor P2 também utiliza esta abordagem teórica para trabalhar com os alunos a temática do envelhecimento e velhice, como se pode perceber na seguinte fala: “(...) *Acabo puxando um pouco a brasa para os estudos em Representação Social, e aí eu dou exemplos de estudos em Representação Social em envelhecimento até para levar um pouco o que eu estudei e tal*”.

O professor P3, no entanto, trabalha o envelhecimento humano e velhice dentro da perspectiva da Psicologia Organizacional e do Trabalho, o que é evidenciado em sua fala: “(...) *na própria área de Psicologia Organizacional, tenho trabalhado esta questão de projeto de preparação para a aposentadoria, e daí a gente dá uma pincelada (...)*”.

As abordagens em que o envelhecimento humano e velhice podem ser trabalhados são vastas, sendo assim, pode-se trabalhar com os alunos dentro de uma perspectiva de testagens, utilizando dessa forma materiais e métodos psicológicos para compreender melhor essa população. O professor P4 trabalha nessa perspectiva e afirma: “*Para você ter uma ideia, eu já trabalho há alguns anos com a disciplina de Psicodiagnóstico, mas eu acho que... deixa eu ver de quantos anos para cá, de uns três ou quatro anos para cá foi que eu introduzi a avaliação psicológica do idoso, considerando o envelhecimento (...) eu estou trabalhando é muito mais assim, na perspectiva de avaliação psicológica nessa faixa etária*”. Essa fala remete novamente ao fato de o estudo da velhice e do envelhecimento humano ser ainda bastante recente dentro da Psicologia.

Ao contrário de P4, que trabalha a temática voltada para questões mais práticas, o professor P5 aborda a temática de forma mais teórica “(...) *estou tentando passar subsídios teóricos para os alunos sobre o envelhecimento e a possibilidade de intervenção com pessoas da terceira idade*”. A fala demonstra que este professor não se sente muito seguro para trabalhar as questões relacionadas à velhice e ao envelhecimento humano, bem como não tem segurança para realizar intervenções com essa população.

Todavia, o professor P6 aparenta utilizar abordagem mais ampla com os alunos, o que é demonstrado em sua fala: *“Pego tudo, desde os aspectos psicológicos, os aspectos sociais, biológicos, né, psicossociais (...) Toda a adulez madura, o que é o adulto maduro e depois o envelhecimento, que até a maior parte da disciplina é ligada a isso. Toda a questão do que é a adulez velha, do que é envelhecimento, os processos que acontecem no envelhecimento, as questões que eu abordo como eu falei, o psicológico, aspectos sociais, a sexualidade, a questão de internação em casas geriátricas ou asilos, né. A questão familiar, a questão que surgiu do cuidado, a questão do casamento longo...”*.

Sabendo-se do curto espaço de tempo fornecido pelos cursos para os docentes trabalharem as questões do envelhecimento, torna-se evidente o fato de cada um ter de escolher os aspectos que considera mais relevante para trabalhar com os acadêmicos. Sendo assim, a fala de P6 é a mais enigmática dentre os professores entrevistados, pois é o único que afirma trabalhar todos os aspectos que envolvem a temática, contudo, devido à amplitude e o pouco espaço de tempo, não se sabe qual é o aprofundamento dado à questão mencionada por P6.

Torna-se imprescindível afirmar que os professores acima citados são docentes de diversas disciplinas e, contrariando a fala dos coordenadores de cursos, que pontuavam que o envelhecimento humano e a velhice eram trabalhados quase exclusivamente dentro da disciplina de Desenvolvimento Humano, estes professores conseguiram encontrar meios de pontuar as questões relacionadas à velhice e ao envelhecimento em sua disciplina. Contudo, isso só foi possível devido a um desejo interno desses profissionais de trabalhar com a temática.

Ao longo da pesquisa foram entrevistados seis professores, sendo que destes apenas dois trabalhavam diretamente com a disciplina de Desenvolvimento Humano (P1 e P6), sendo eles um professor da instituição Alpha e um da instituição Gama. Um dos questionamentos que fica é o porquê de o professor titular da cadeira de desenvolvimento humano da instituição Beta não ter sido indicado pelo coordenador do curso para participar da pesquisa. Apesar de não se ter uma resposta fechada para esta

pergunta, pode-se imaginar que isso ocorra pelo fato de a temática, algumas vezes, estar sendo mais enfatizada por outros professores do que pelos próprios docentes das disciplinas de Desenvolvimento Humano.

4.6 *Percepção do corpo docente acerca da temática do envelhecimento humano e da velhice dentro dos cursos pesquisados*

Barbieri (2003) afirma que o pensar e o trabalhar a velhice com os acadêmicos envolve a necessidade de o docente pensar e entrar em contato com o próprio processo de envelhecimento, e que esse exercício é muito difícil para a maioria dos docentes, porque tal reflexão expõe para o profissional as próprias dificuldades de lidar com o envelhecimento e até mesmo a vivência com os velhos mais próximos.

Sendo assim, P1 afirma: (...) *o problema é que a gente não fala, essa é a questão*. Por essa fala pode-se perceber que não são só os cursos de Psicologia que não falam sobre o envelhecimento, a sociedade de forma geral não fala sobre essa questão, nós como seres humanos também não fomos habituados a pensar sobre o envelhecimento.

A falta de pensar o envelhecimento é considerado mais grave dentro dos cursos de graduação, por este ser um espaço de formação de novos profissionais que irão, quase inevitavelmente, trabalhar com essa população. Afinal, a inversão da pirâmide demográfica é um processo praticamente irreversível. O coordenador do curso Beta demonstra perceber essa importância ao enfatizar a falta de espaço existente para trabalhar questões relacionadas à velhice e ao envelhecimento dentro dos cursos de Psicologia: “(...) *Agora, o Estatuto do Idoso, onde a gente vai incluir ele, na Psicologia? Então, toda essa questão ainda eu acho que a gente vai ter que estar incluindo cada vez mais nas discussões*”.

A importância e a falta de espaço para esta temática também é percebida pelo corpo docente entrevistado, pois o mesmo parece estar encontrando dificuldades para manejar espaços para que as discussões ocorram. O professor P2 menciona novamente outro problema relacionado à temática: a pouca bibliografia existente sobre o tema.

Sendo assim, ele afirma que: *“os próprios números indicam que tem que se falar, que tem que se pensar e tem que se construir algumas técnica inclusive na Psicologia para o trabalho com o envelhecimento, com as pessoas que envelhecem (...). Agora, para isso, a gente precisa estudar, estudar para entender este fenômeno, que a gente está um pouco longe ainda, que algumas áreas já avançaram bastante, assim, na compreensão do fenômeno do envelhecimento, do processo do envelhecimento. Talvez a gente não tenha atentado muito para isso e agora a gente está correndo atrás (...) existem movimentos bem tímidos ainda para falar, para ter espaço esta temática no mundo acadêmico pelo menos na minha realidade”*.

O professor P5 corrobora a fala de P2 ao afirmar: *“(...) há cada vez mais necessidade de intervenções voltadas para o envelhecimento, mas eu penso que ainda estamos com uma necessidade muito grande de pesquisa nesta temática e também de possibilidade de intervenção, de trabalhos de extensão com o envelhecimento humano”*.

O coordenador do curso Alpha parece concordar com essas falas: *“Eu acho que é pouco ainda, isso é a minha opinião. De forma geral, nos cursos, eu acho que é pouco... Acho que poderia ter um enfoque maior”*.

Fonseca, Gonçalves e Martín (2009) afirmam que a falta de interesse em pesquisar o envelhecimento pode estar relacionada aos estereótipos e preconceitos existentes na sociedade sobre essa temática. Certamente, de acordo com Kodjaoglanian (2003), a pesquisa de forma geral é pouco explorada nos cursos de Psicologia.

Para o coordenador da instituição Gama, *“o curso de Psicologia sempre teve a preocupação de estar atualizado de acordo com as necessidades e as demandas do mercado. Então, hoje se você observar uma das demandas do mercado, significativo é o envelhecimento, é trabalhar com pessoas idosas (...). A nossa preocupação é formar profissionais que possam atuar de maneira competente no mercado de trabalho, então, se o mercado está se direcionando para o envelhecimento humano, a gerontologia, é preciso oferecer condições para que ele possa ter o mínimo (...)”*. Sendo assim, pode-se afirmar que o curso de Psicologia de sua instituição já está enfatizando mais as questões

relacionadas ao envelhecimento e velhice, visando principalmente a um mercado de trabalho para os futuros Psicólogos que irão graduar-se ali.

Todavia, nos demais cursos, a busca por espaços para trabalhar essa temática parece depender muito mais do esforço individual de cada professor, mesmo existindo a demanda de trabalho com a população envelhecida em todo o Estado do Rio Grande do Sul (e no Brasil), uma vez que estas IES estão inseridas no segundo Estado mais envelhecido do Brasil. Pode-se pensar que a pergunta proposta por Batomé (2006): “Qual a Psicologia que a população brasileira realmente precisa?” não está sendo feita, gerando assim uma visão deficiente dos graduandos sobre as possibilidades de atuação enquanto Psicólogos.

4.7 *Espaço de prática profissional voltado para o envelhecimento humano e a velhice*

Os cursos de Psicologia são compostos por uma parte teórica e uma parte prática, pensando nisso foi questionado aos coordenadores dos cursos sobre a existência de um espaço de prática profissional que tivesse como objetivo o acadêmico trabalhar com a população acima de 60 anos.

Na fala do coordenador do curso Alpha – *“Olha, assim, em termos de estágio. o que que a gente diz? Por exemplo, na clínica a gente recebe muitas pessoas bem nessa faixa etária, não seria o único foco (...). Nas empresas, eu acho assim, que eles trabalham mais algumas questões, assim, de qualidade de vida, de aposentadoria, de planejamento”* – percebe-se que o espaço de prática prioriza as ênfases propostas pela instituição e não uma população-alvo, ou seja, atendem-se idosos se eles forem até a clínica ou se a empresa onde o estagiário se encontra realiza algum tipo de programa de preparação para a aposentadoria. Observa-se então que o trabalho com essa faixa etária não parte da universidade e sim da própria população idosa ou mesmo das instituições nas quais são realizados os estágios.

O coordenador do curso Beta pontua algumas práticas profissionais como: “(...) *estágios de observação no Lar dos Idosos, por exemplo, que já mais de uma vez alguns estagiários tiveram esta possibilidade (...) Neste ano nós acompanhamos o grupo de terceira idade... Tinha oito acadêmicos do curso que participavam, e eu os acompanhava, e aí, nós fazíamos assim, também, encontros... O objetivo era trabalhar a questão da estimulação cognitiva...*”. Considerando que o curso possui no mínimo dez turmas em andamento, ter oito acadêmicos trabalhando com a temática é um número bastante baixo, bem como se observa na fala anterior que algumas vezes os acadêmicos tiveram a oportunidade de realizar o estágio de observação em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), fato que demonstra que essa é uma realidade flutuante, em um momento pode existir essa possibilidade e em outro não.

O coordenador do curso Gama assevera: “*No estágio, a abordagem principal é a ênfase voltada para as questões familiares, o resgate da família, a relação que este idoso mantém com a família, o porquê que ele está ao asilo, o porquê ele está em uma casa de idoso, o porquê que ele não está com a família. A gente faz toda esta ponte entre o idoso que está institucionalizado e a família que o institucionalizou.*” Sendo assim, pode-se afirmar esta IES trabalha exclusivamente com idosos institucionalizados, enquanto o restante da população idosa não recebe nenhum tipo de atenção por parte deste curso e de seus acadêmicos.

A fala dos professores confirma este espaço escasso para a prática profissional visando à temática da pesquisa dentro das instituições estudadas. Contudo, pela fala foi possível compreender que cada vez mais os próprios professores estão tentando trazer a temática para a realidade do aluno, por meio de algum tipo de prática, não necessariamente a prática profissional. Isso é evidenciado na fala de P1: “*O que eu comecei a fazer é que eles pudessem a partir de leituras ou de um questionamento com pessoas que trabalham em casas de longa permanência... Quais são as dificuldades que eles encontravam? Daí, eles tinham que fazer um trabalho... Um projeto de intervenção, então, eles tinham que falar sobre a terceira idade e como eles iriam*

intervir”. Contudo, este trabalho mantém a linha da IES de trabalhar principalmente com os idosos institucionalizados, enquanto os demais idosos parecem não receber nenhum tipo de atenção.

P2 por meio de sua fala corrobora Kodjaoglanian (2003) ao afirmar: *“Hoje se investe pouco em pesquisa e, se já a gente vai pensando no envelhecimento, as pesquisas vão ficando cada vez menores. Então, há uma certa... uma falta, eu diria, assim, de investimento para isso... São poucos os grupos fortes de pesquisa da área, da gerontologia, que já têm um corpo, que já têm uma organização e que já têm em funcionamento mais de um grupo de pesquisa mesmo...”*. P3 enfatiza essa situação ao afirmar: *“(...) acho mais importante é que tudo isso venha acompanhado de pesquisas, de estudos, como vocês estão fazendo, para que isso tudo seja fruto de um trabalho de profissionais oriundos de pesquisa científica; porque não é assim, o idoso também tem que ser estudado, tem que ser analisado, tem que ser visto quais são as suas necessidades hoje neste contexto que mudou”*.

A fala de P5 também ressalta a falta de pesquisa dentro da temática abordada pela presente pesquisa: *“Eu penso que se está estudando pouco sobre esta temática não só aqui na nossa universidade, mas nas universidades de uma forma geral, na Anpepp, que é a Associação Nacional de Pesquisa, também não há um grupo de pesquisa que estude o envelhecimento, eu acho que há uma carência muito grande de pesquisa e de intervenções voltadas para o envelhecimento, não só a terceira idade, mas o envelhecimento de uma forma geral”*.

Não obstante, a falta de investimento em pesquisa nos cursos de Psicologia é evidenciada em outras áreas como mencionam P6 e P2, respectivamente: *“tem poucos professores pesquisadores no nosso curso (...) a gente tem uma carência no incentivo a pesquisa, independente da temática”*. Apesar dessa falta de investimento, alguns professores mencionaram que determinados alunos estão procurando fazer o trabalho de conclusão de curso dentro dessa temática. A fala de P4 destaca este processo: *“Eu orientei uma aluna que ela trabalhou isso no TCC, ela investigou assim os estados emocionais de idosos entre 70 e 80 anos através do TAT, do teste percepção temática”*.

É importante ressaltar que historicamente o curso de Psicologia foi composto por profissionais despreparados para atuar como professores, ou seja, sem capacitação específica para trabalhar com o ensino. Esta realidade se está transformando aos poucos por meio dos cursos de mestrado e doutorado na área, os quais, além de formar professores, formam pesquisadores. Essa mudança no perfil do professor de Psicologia pode acarretar maiores incentivos à pesquisa, bem como alterar a visão restrita que os próprios acadêmicos possuem sobre o curso. De acordo com Calais e Pacheco (2001), esta mudança no perfil do docente acarretará a desfragmentação da Psicologia, ou seja, um processo complexo como o envelhecimento e a própria velhice devem ser vistos em sua amplitude englobando todas as ênfases existentes nos cursos de Psicologia.

4.8 *Interesse dos alunos pela temática*

Evidenciou-se anteriormente que o incentivo ao estudo da temática do envelhecimento humano e da velhice nos cursos estudados parte principalmente dos professores e que alguns alunos já buscam realizar pesquisas na área. Sendo assim, surgiu um questionamento sobre o que leva alguns alunos a procurar essa área para realizar o trabalho de conclusão de curso. Ao ser questionados, os professores evidenciaram que o interesse está crescendo e que muito se deve a mídia pelo destaque que tem dado a essa faixa etária, o que fica explicitado na fala de P2: *“Eu acho que em função até de que se tem falado um pouco mais e se tem trabalhado não só na universidade, mas a televisão, a mídia tem mostrado isso: ‘olha, tem velho aí (...). Os velhos estão ali...’ Eu acho que começa a aparecer um pouco mais um desejo, ou surgir um desejo, nascer um desejo por pensar um pouco a velhice, pensar um pouco a intervenção na velhice, o trabalho da Psicologia na velhice. Mas eu ainda acho que, por gostar do tema, penso que é pouco diante de outras áreas e outras temáticas que embriagam os alunos na curiosidade”*.

P3 levanta outro ponto que pode estar influenciando a busca da temática pelos alunos *“Eu vejo, assim, que eles têm tido interesse por esta área né, e claro que tem as áreas clássicas da Psicologia, mas eu vejo, assim, que quando se fala em*

envelhecimento, quando se fala em expectativa de vida que aumentou, eles veem, assim, como que é mais, mais um mercado de trabalho, como mais uma proposta social, né, como mais uma mudança de cenário que tem que se pensar e trabalhar que antes não era”.

Dessa maneira, observa-se que os incentivadores para o estudo nesta área são na maioria das vezes externos ao ambiente da instituição de ensino e isso perpassa pela visão do aluno, da realidade externa, seja através da exposição dos idosos na mídia, seja da possibilidade de atuação com essa população ao término da graduação devido ao aumento de idosos na sociedade brasileira e este ser considerado um amplo e novo mercado de trabalho. Porém, observa-se que nenhum professor menciona que esses alunos possuam um real desejo de trabalhar com a temática.

De acordo com a percepção dos professores, o fato de os alunos de graduação terem em média 20 anos e considerar esse período muito distante da velhice, talvez não permita que se identifiquem significativamente com a temática, como demonstra a fala de P5: *“A impressão que eu tenho é que eles veem isso muito distante, mas alguns já começam a questionar, por exemplo, quando a gente trabalha com as questões relacionadas as etapas do ciclo vital...”*. De acordo com P4: *“(...) eu acho que os alunos puderam entender, mas, acho que eles não sentiram (...)”*. P1 corrobora com os demais professores ao afirmar que *“Se os alunos são mais jovens, é bem tranquilo, porque parece que é tão distante, então eles levam numa boa e participam mais. Os alunos um pouco mais, assim...com uns 28 para cima, isso mexe com eles de uma forma que eles falam: ‘É muito triste, é muito triste, a tua disciplina é muito triste’.”*

Dessa forma, o coordenador do curso Alpha acredita que: *“(...) a possibilidade deles se depararem, deles perceberem essa pessoa como uma pessoa capaz, com problemas, com dificuldades, mas com capacidade de enfrentar, de resolução. Eu vejo que eles acabam, assim, mudando um pouco essa visão, por isso que eu acho importante que a gente possa ter um foco também em envelhecimento (...)”*. De acordo com o coordenador do curso Beta: *“(...) a gente ainda tem muitos mitos construídos acerca do envelhecimento e, quando a gente vai ali e os alunos diziam, mas olha só*

quantos que mantêm uma vida sexual ativa... Então, para ver como que a gente... eles têm preconceitos”.

A fala dos coordenadores remete à necessidade de trabalhar a temática visando também à quebra de mitos e preconceitos existentes.

Fonseca, Gonçalves e Martín (2009) alegam que a falta de interesse, de desejo dos alunos em trabalhar com a velhice e com o envelhecimento muitas vezes provem da falta de conhecimento sobre o que realmente ocorre nesta faixa etária, que ainda é muito trabalhada pela dicotomia do normal e do patológico, do doente e do saudável. Sendo assim, pode-se pensar que a imagem passada pela mídia é do velho saudável, enquanto a passada pela graduação é do idoso patológico, dessa forma, o acadêmico busca o trabalho com o idoso para entrar no mercado de trabalho, porém, chega ao ambiente de trabalho com uma visão estereotipada sobre essa população.

4.9 Percepção do corpo docente acerca do envelhecimento e da velhice

O corpo docente ao relatar que os alunos possuem preconceitos em relação à velhice demonstrou de forma indireta os próprios preconceitos e visões distorcidas sobre a velhice e o processo de envelhecimento. A velhice e o envelhecimento para eles parecem ainda estar enraizados na dicotomia saúde e doença e fortemente relacionada a perdas, o que é claramente demonstrado na fala de P3: *“(...) é caracterizada por uma série de perdas, então, perdas do próprio envelhecimento físico, perdas da memória e o próprio trabalho dentro, né, da constituição social do ser humano trabalhador (...) eu acho que é bem relativo, desde que você nasce já está envelhecendo (...) eu acho que o envelhecimento assim, dentro de uma, uma visão macro, é este momento onde tu vai perdendo questões vinculadas da sua capacidade física e de sua capacidade intelectual e que, assim, é demarcado de uma maneira bem significativa, com o momento em que tu se aposenta, que é a perda da sua atividade social.”*

P4 também parece compartilhar do pensamento de P3 ao afirmar que: *“aí também vêm aquelas patologias normais do envelhecimento, às vezes algumas doenças*

também, e aí fica bem difícil". Essa abordagem da velhice como algo ruim, altamente ligada a perdas e doenças, remete diretamente à fala de P6: *"Mas eles [os alunos] não gostam muito desta disciplina porque não querem trabalhar com velhos, porque é muito ligado à morte, a perdas, lutos"*.

A fala de P6 gera um questionamento: até que ponto o aluno tem essa visão negativa do envelhecimento e da velhice e até que ponto essa visão negativa é apenas uma projeção do próprio professor nos alunos?

Esse é um ponto que a presente pesquisa não poderá responder por não ter sido realizadas entrevistas com o corpo docente dos cursos visando esclarecê-la, não é o foco deste estudo; mas espera-se que outras pesquisas na área possam esclarecer a questão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa evidenciou-se a dificuldade que os cursos possuem em trabalhar as quatro principais ênfases de maneira unificada, ou seja, a temática da velhice e do envelhecimento humano é trabalhada de forma fragmentada, ora pelo olhar da Psicologia Clínica, ora pelo olhar da Psicologia Social ou Psicologia Organizacional e do Trabalho. Sendo assim, pode-se afirmar que os cursos pesquisados não possuem uma real visão generalista sobre o assunto em questão.

Outro ponto que chama a atenção é fato de nenhuma das IES estudadas possuir programas para trabalhar com a preparação para o envelhecimento, o que é perceptível pelo fato de a temática não ser abordada dentro da ênfase da Psicologia Escolar em nenhum dos cursos pesquisados. Contudo, o envelhecimento humano e a velhice aparecem nos cursos de Psicologia pesquisados dentro da disciplina de Desenvolvimento Humano e, na maioria das vezes, dividindo a cadeira com a temática da Adulterez (adulto jovem, adulto e adulto velho). Considerando a abrangência da temática e sua complexidade, o espaço destinado a ela dentro dos cursos ainda é bastante restrito.

A história dos cursos estudados mostra que os motivadores para a criação dos cursos têm influencia nos assuntos que serão abordados posteriormente na matriz curricular. Os cursos de Psicologia estudados tiveram diferentes motivadores de criação. Contudo, a instituição Alpha parece não ter levado em conta a real necessidade da implantação de um curso de Psicologia em sua cidade e região, fato que confirma a tese de Scarparo e Guareschi (2007) a respeito da dificuldade que os cursos de Psicologia possuem em aproximar-se da realidade social e cultural do objeto de estudo: os seres humanos.

Entretanto, deve-se considerar que o curso previamente citado tem mais de trinta anos e já passou por diversos momentos histórico-culturais, encontrando-se neste momento revendo as matrizes curriculares. Com a implantação das novas matrizes, o curso estará evitando que suas ênfases se tornem estagnadas e estará abarcando as mudanças sofridas por seu objeto de estudo, os seres humanos.

De acordo com Batomé (2006), a revisão nas matrizes curriculares pode diminuir as dificuldades que os graduandos em Psicologia apresentam em perceber todas as possibilidades de atuação relativas à sua formação profissional.

Todavia, as ênfases dos cursos estudados parecem ainda priorizar a prática clínica. Sendo assim, pode-se pensar que, do mesmo modo que o Brasil tardou a perceber os aspectos sociais de sua população, os cursos de Psicologia estão demorando a enfatizar essa temática em sala de aula. Desse modo, a velhice ainda é pouco trabalhada no âmbito social e escolar. Prevalendo, então, o olhar institucional sobre a velhice. Ou seja: o olhar sobre o indivíduo que vive em Instituições de Longa Permanência para Idosos; o olhar organizacional, que enfoca principalmente questões relacionadas ao processo de aposentadoria; e a prática clínica, que, por sua vez, é pouco procurada pela população envelhecida.

Os cursos das instituições Beta e Gama aparentam trabalhar mais com essa temática do que o curso da Alpha. Na instituição Beta é perceptível que o trabalho com a questão do envelhecimento humano é decorrente de iniciativa dos próprios professores, que, na maioria dos casos, demonstram interesse individual em trabalhar com a temática. No entanto, o termo velho ou idoso ainda é mascarado por estereótipos como os relacionados à terceira idade.

Somente na instituição Gama a temática parece estar sendo mais abordada, visto que já faz parte de quatro cadeiras no decorrer do curso. Nesta instituição, a temática parece ser tratada com a importância que necessita, afinal, ao fazer uma comparação com o curso Alfa e Beta, percebe-se que nestes últimos a temática é trabalhada mais especificamente em uma cadeira ao longo da graduação e em outras somente quando existe a iniciativa dos docentes.

Desse modo, pode-se afirmar que para os cursos pesquisados a fala de Neri (2004) continua a ser verídica, pois os cursos demonstraram não estar investindo tanto quanto deveriam na área da velhice e do envelhecimento humano e tampouco incentivando os acadêmicos a compreender melhor as questões relacionadas ao envelhecimento e a velhice.

Acredita-se que estudos dessa natureza possam ser realizados em outras instituições de ensino que oferecem cursos de Psicologia, para que se tenha um diagnóstico mais amplo em relação ao espaço que o processo de envelhecimento humano ocupa nos projetos pedagógicos e quais abordagens vêm sendo priorizadas a respeito desses conteúdos, principalmente porque 2012 é o ano do cinquentenário da Psicologia como profissão: seria um momento propício para questionar as práticas dos Psicólogos e rever a formação acadêmica dos futuros profissionais da área.

A partir de novas pesquisas que podem ser realizadas em outros cursos de graduação, será possível comprovar se o aparente descaso com a temática da velhice e o pouco espaço oferecido para o tema dentro dos cursos de Psicologia ocorrem somente na região do Rio Grande do Sul ou se é comum a outros Estados brasileiros. Bem como, se esse aparente descaso é exclusivo dos cursos de Psicologia ou é vivido em outros cursos também.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, R.W). Intervenções em crise. In: CORDIOLI, A.V. *Psicoterapias: abordagens atuais*. São Paulo: Artmed, 1998, p. 153-9.
- ARANHA, M.L.; MARTINS, M.H. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1995.
- AUED, B. W. *Educação para o (Des) emprego: Ou quando estar liberto da necessidade de emprego é um tormento*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BALTES, P. B. Theoretical propositions of lifespan developmental psychology: on the dynamics between growth and decline. *Development Psychology*. 1987, p. 611-26.
- BAPTISTA, M.T. A regulamentação da profissão Psicologia: documentos que explicitam o processo histórico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30 (ed. especial), 2010, 170-91.
- BARBIERI, N.A. Trabalho com velhos – algumas reflexões iniciais. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, ano XVI, (173), 2003, p. 18-24.
- BASTOS, A.V. Psicologia do Desenvolvimento Adulto e Envelhecimento: contribuições da teoria e investigação. *VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 2010, p. 1759-73). Portugal.
- _____. Psicologia Organizacional e do Trabalho: que. In: GOUVEIA, O.H. *Construindo a Psicologia brasileira: desafios da ciência e da prática psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 139-66.
- BATOMÉ, S. P. Comportamentos profissionais do Psicólogo em um sistema de contingências para a sua aprendizagem. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 2 (2), 2006, p. 171-91.
- BEE, H. *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- BETTOI, W.; SIMÃO, L.M. Profissionais para si ou para outros? Algumas reflexões sobre a formação dos Psicólogos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 20, (2), 2000, p. 20-31.

_____. Entrevistas com profissionais como atividade de ensino-aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(3), 2002, p. 613-24.

BOCK, A.M. A Psicologia no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(n°. espec.), 2010, p. 246-58.

_____. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. *Estudos de Psicologia*, 4 (2), 1999, p. 315-29.

BOCK, A.M.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.D. *Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2001.

CALAIS, S.L.; PACHECO, E.M. Formação de Psicólogos: análise curricular. *Psicologia Escolar e Educacional*, 5(1), 2001, p. 11-8.

CAMBAÚVA, L.G.; SILVA, L.C.; FERREIRA, W. Reflexões sobre o estudo. *Est. Psicol.*, 3(2), 1998, p. 207-27.

CARVALHO, J.A.; RODRÍGUEZ-WONG, L.L. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. *Cad. Saúde Pública*, 24(3), 2008, p. 597-605.

CARVALHO, M.T.; SAMPAIO, J.D. A formação do Psicólogo e as áreas emergentes. *Psicologia Ciência e Profissão*, 17(1), 1997, p. 14-9.

CLONINGER, S.C. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DEBERT, G.G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Fapesp, 2004.

DIMENSTEIN, Magda Diniz Bezerra. O psicólogo nas Unidades Básicas de Saúde: desafios para a formação e atuação profissionais. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 3, n. 1, jun. 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1998000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 ago. 2012.

DULCEY-RUIZ, E. Psicología social del envejecimiento y perspectiva del transcurso de la vida: consideraciones críticas. *Revista Colombiana de Psicología*, 19(2), 2010, p. 207-24.

EIZIRIK, C.L. et al. Psicoterapia Dinâmica Breve. In: CORDIOLI, A.V.. *Psicoterapia: abordagens atuais*. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 145-58.

ELIAS, G.G.; VERAS, M.O. Psicologia escolar: abrindo espaço para a fala, a escuta e o desenvolvimento interpessoal. *Revista de Abordagem Gestáltica*, 14 (2), 2008, p. 182-9.

ELSNER, V.R.; PAVAN, F.; GUEDES, J.M. Violência contra o idoso: ignorar ou atuar? *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 4(2), 2007, p. 46-54.

ERBOLATO, R.M. Relações sociais na velhice. In: Freitas, E.V. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 957-64.

ERIKSON, E.H. *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Arte Médicas, 1998.

FONSECA, A.; GONÇALVES, D.; MARTÍN, I. Changing attitudes towards ageing and the aged amongst Psychology students. *European Journal of Education*, 44(3), 2009, p. 455-66.

FONTAINE, R. O envelhecimento e suas causas. In: Fontaine, R. *Psicologia do Envelhecimento*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 17-30.

GABBARD, G.O. *Psiquiatria Psicodinâmica na prática clínica*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GUZZO, R.S. Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: desafios do novo milênio para a Psicologia Escolar. In: PRETTE, Z.A. *Psicologia escolar e educacional: saúde e qualidade de vida*. São Paulo: Alínea, 2003, p. 25-41.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=127>. Acesso 13 jun. 2011.

JACQUES, M.D. *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2002.

KODJAOGLANIAN, V.L. Inovando métodos de ensino-aprendizagem na formação do Psicólogo. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 23(1), 2003, p. 2-11.

LEBRÃO, M.L. O envelhecimento no Brasil: aspectos da transição demográfica e epidemiológica. *Saúde Coletiva*, 4(017), 2007, p. 135-40.

LISBOA, F.S.; BARBOSA, A.J. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29(4), 2009, p. 718-37.

MANCEBO, D. Formação em Psicologia: gênese e primeiros desenvolvimentos. *Mnemosine*, 1(0), 2004, p. 53-72.

MARTINS, J.; BICUDO, M.A. *A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes, 1989.

MASSIMI, M. *História da Psicologia brasileira da época colonial até 1934*. São Paulo: EPU, 1990.

MINAYO, M.C.; NETO, O. C.; GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOURA, E.P. A Psicologia (e os Psicólogos) que temos e a Psicologia que queremos: reflexões a partir das propostas de diretrizes curriculares (MEC/SESU) para os cursos de graduação em Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 19(2), 1999, p. 10-9.

NASRI, F. O envelhecimento populacional no Brasil. *Einstein*, 6(supl. 1), 2008, p. s4-s6.

NERI, A.L. *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papirus, 2001.

_____. Teorias Psicológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E.V. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 2002, p. 32-45.

_____. Contribuições da Psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 1(1), 2004, p. 69-80.

NERI, A.L.; JORGE, M.D. Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de graduação em educação e em saúde: subsídios ao planejamento curricular. *Estudos de Psicologia*, 23 (2), 2006, p. 127-37.

NORONHA, A.P. Docentes de Psicologia: formação profissional. *Estudos de Psicologia*, 8 (1), 2003, p. 169-73.

PAPALIA, D.E.; OLDS, S.W. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2006.

PEREIRA, F.M.; NETO, A.P. O Psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. *Psicologia em estudo*, 8(2), 2003, p. 19-27.

REBELO, H. Psicoterapia na idade adulta avançada. *Análise Psicológica*, 4 (XXV), 2007, p. 543-57.

REY, F.L. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira, 2002.

RODRIGUES, A. *Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCARPARO, H. *Psicologia e pesquisa: perspectivas metodológicas*. Porto Alegre: Sulinas, 2000.

SCARPARO, H.B.; GUARESCHI, N.M. Psicologia social comunitária profissional. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 2007, p. 100-08.

SCARPARO, H.; OZORIO, J.D. Registros históricos do Conselho de Psicologia da Sétima Região (CRP-07) no período da ditadura no Brasil. *Temas em Psicologia*, 8(2), 2009, p. 19-27.

SOARES, A.R. A Psicologia no Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(ed. espec.), 2010, p. 8-41.

SOUZA, V.L.; PETRONI, A.P.; BREMBERGER, M.E. Psicologia, educação e a sociedade contemporânea: reflexões sob a perspectiva da Psicologia sócio-histórica. *Psicólogo InFormação*, 11 (11), 2007, p. 99-112.

TONETTO, A.M. et al. Psicologia Organizacional e do Trabalho no Brasil: desenvolvimento científico contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, 20 (2), 2008, p.165-73.

WONG, L.L.; CARVALHO, J. O rápido processo do envelhecimento populacional no Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 23 (1), 2006, p. 5-26.

ANEXOS

Envelhecimento Humano

Anexo A. Parecer do Comitê de Ética



**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

PARECER N. 544 /2011

O Comitê de Ética em Pesquisa – UPF, em reunião no dia 30/11/11, analisou o protocolo de pesquisa “**Envelhecimento Humano: Olhar dos coordenadores e dos professores do curso de Psicologia sobre esta temática dentro da atual realidade brasileira**”, CAAE 0275.0.398.000-11, de responsabilidade da pesquisadora **Patrícia Di Francesco Longo**.

O projeto tem como objetivo analisar processo de envelhecimento humano através do olhar dos coordenadores e professores do curso de Psicologia e do espaço que tal temática ocupa nos currículos acadêmicos.

Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa e comparativo, com análise das grades curriculares do curso de Psicologia da Universidade de Passo Fundo (UPF)(ANEXO, 1), da Universidade Regional e Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI –Campus de Erechim) (ANEXO, 2) e da Faculdade IMED – Passo Fundo (ANEXO, 3). Após isto, os professores e coordenadores dos cursos serão entrevistados. O critério utilizado para a escolha de amostra foi o de relevância desses centros de ensino no âmbito regional e o critério utilizado para a inclusão foi a existência do curso de Psicologia nas instituições acima mencionadas. A escolha dos coordenadores do curso para responder a entrevista se deve ao fato de que eles possivelmente tenham um maior conhecimento global sobre o curso do que os professores que ministram apenas algumas disciplinas. A coleta de dados será realizada através análise das grades curriculares dos cursos de Psicologia das faculdades previamente mencionadas. A partir desta análise será realizada uma entrevista semiestruturada com os coordenadores dos cursos afim da obtenção de informações mais detalhadas sobre o espaço que o Envelhecimento Humano tem recebido dentro destes cursos.

Os direitos fundamentais dos participantes foram garantidos no projeto e no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O protocolo foi instruído e apresentado de maneira completa e adequada. Os compromissos do (a) pesquisador (a) e das instituições envolvidas estavam presentes. O projeto foi considerado claro em seus aspectos científicos, metodológicos e éticos.

Diante do exposto, este Comitê, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa na forma como foi proposto.

O (a) pesquisador (a) deverá apresentar relatório a este CEP no final do estudo.

Situação: PROTOCOLO APROVADO

Passo Fundo, 30 de novembro de 2011.

Nadir Antonio Pichler

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa

APÊNDICES

Apêndice A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



O(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Envelhecimento humano: olhar dos coordenadores e dos professores do curso de Psicologia sobre esta temática dentro da atual realidade brasileira”, que estou desenvolvendo com o objetivo de obter o título de mestre em Envelhecimento Humano do Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano – ppgEH, da Universidade de Passo Fundo, sob a orientação da professora Dr. Eliane Lúcia Colussi.

O objetivo da pesquisa é analisar processo de envelhecimento humano através do olhar dos coordenadores e professores do curso de Psicologia e do espaço que tal temática ocupa nos currículos acadêmicos. O(a) Sr.(a) participará da pesquisa de forma individual, através de uma entrevista semiestruturada que tem por finalidade identificar as suas percepções em relação ao envelhecimento humano, bem como, identificar os espaços ocupados por esta temática dentro de sua prática profissional. A entrevista será gravada e terá duração de aproximadamente vinte minutos. A participação do(a) Sr.(a) não implicará em risco algum, tendo como desconforto dispor de alguns minutos do seu tempo para a realização da entrevista e talvez algum constrangimento gerado por perguntas de caráter pessoal, que o(a) Sr.(a) poderá não responder se assim desejar.

Os resultados da pesquisa serão utilizados com a finalidade de desenvolver a pesquisa citada. As informações obtidas por meio da entrevista serão confidenciais e será mantido o sigilo de sua participação. Os depoimentos serão divulgados de modo que não permitam a sua identificação. O(a) Sr.(a) receberá uma cópia deste termo,

aonde consta o telefone e endereço do pesquisador principal, bem como do meu orientador, podendo tirar a qualquer momento¹

dúvidas sobre a pesquisa e sua participação. Se o(a) Sr.(a) aceitar participar, estará livre para desistir a qualquer momento.

Eliane Lúcia Colussi
Rua Sete de Setembro 90A/901
Passo Fundo – RS
CEP 99070-070
Fone: (54)3314 7077

Patrícia Di Francesco Longo
Av. Pedro Pinto de Souza 181/901
Carazinho – RS
CEP 99700-000
Fone: (54)9156 8446

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome do participante

Assinatura do participante

¹ Para qualquer esclarecimento ou dúvida acerca do desenvolvimento do estudo você poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo para esclarecimentos de dúvidas e informações sobre a pesquisa pelo telefone (54) 3316 3670.

Apêndice B. Entrevista semiestruturada: Coordenadores

Coordenadores dos cursos:

1. O Senhor (a) poderia relatar de forma breve a história do curso de Psicologia dentro desta instituição?
2. Qual a relevância que questões em torno do envelhecimento humano possuem dentro do curso de Psicologia?
3. Dentro do curso de Psicologia. Em que momentos ou em que disciplinas a temática do envelhecimento humano é abordada?
4. Existe algum espaço de prática profissional ou estágio supervisionado que tenha como foco a população idosa?
5. Na sua percepção, o ensino sobre o envelhecimento humano, dentro do curso de Psicologia, ocorre de maneira satisfatória?
6. O Senhor (a) observa interesse por parte dos acadêmicos do curso de Psicologia em relação ao envelhecimento humano?
7. Nos eventos e atividades de pesquisa e extensão promovidos ou organizados pelo curso, temáticas em torno do envelhecimento humano são abordadas?

Apêndice C. Entrevista semiestruturada: Professores

Professores dos cursos:

1. Quais são conteúdos trabalhados dentro da temática do envelhecimento humano nas suas disciplinas?
2. Qual a relevância que o envelhecimento humano possui dentro do curso de Psicologia?
3. Na sua percepção, o ensino sobre o envelhecimento humano, dentro do curso de Psicologia, ocorre de maneira satisfatória?
4. Levando em consideração o amplo leque de temáticas existentes dentro do curso de Psicologia, como o senhor (a) percebe o interesse de seus alunos em relação ao estudo do envelhecimento humano?
5. Nos eventos e atividades de pesquisa e extensão promovidos ou organizados pelo curso, temáticas em torno do envelhecimento humano são abordadas?

